



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**CONSTRUINDO A ALFABETIZAÇÃO DE EDUCANDOS NO MOVIMENTO
POPULAR DO RODEADOR DF: A ESCOLA DO CORAÇÃO**

NIRCE BARBOSA CASTRO FERREIRA

**BRASÍLIA
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

NIRCE BARBOSA CASTRO FERREIRA

**CONSTRUINDO A ALFABETIZAÇÃO DE EDUCANDOS NO MOVIMENTO
POPULAR DO RODEADOR DF: A ESCOLA DO CORAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Área de concentração: Trabalho e Aprendizagem Pedagógica.

Orientador: Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis.

**Brasília
2009**

**CONSTRUINDO A ALFABETIZAÇÃO DE EDUCANDOS NO MOVIMENTO
POPULAR DO RODEADOR DF: A ESCOLA DO CORAÇÃO**

BANCA EXAMINADORA

Renato Hilário dos Reis

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação – FE

Silviane Bonaccorsi Barbato

Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia – IP

Maria Carmen Villela Rosa Tacca

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação – FE

Rogério de Andrade Córdova

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação – FE

Dedico à minha família: Meu pai Antônio e a minha mãe Anita por terem me dado a vida e me criado para o bem. Pela generosidade de se doarem incondicionalmente na criação de seus oito filhos. Por terem me ensinado a andar por caminhos que consideravam bons, e de fato foram.

Ao meu esposo: Sebastião, o amado da minha alma. Companheiro e amigo para sempre.

Aos meus filhos: Mônica, Luana, Sarah e João Victor, meu sentido de viver, minha vida, meus amores.

Aos meus netos: Mattheus, Melinda e Guilherme. Alegria da minha velhice.

Aos meus irmãos: Ilson, Hércio, Nelci (*in memorian*), Neli, Maria, Milton e André pela infância feliz e amizades sagradas que se perpetuam a cada dia.

Aos educandos: Amaro, Gilvando, João, Jailton e Vandilson, sujeitos maravilhosos com quem tive o prazer de aprender muito.

Aos alfabetizadores: Gabriel, Levizinho e Fernando (*in memorian*) Sem os quais este trabalho não seria possível.

A cada brasileira e cada brasileiro que mantêm financeiramente a Universidade de Brasília, onde está localizada a Faculdade de Educação, pensada e idealizada para a formação de Educadores comprometidos com a produção de um conhecimento acadêmico acessível e em igualdade de condições para todas e todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Trindade Santa: Deus, Pai, Filho e Espírito Santo pelo dom da vida, e com ela a Fé.

Agradeço ao mestre acolhedor, Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis, de quem eu levaria a vida inteira falando dos feitos realizados em prol não só da Educação de Jovens e Adultos, mas da Educação Brasileira como um todo. Um Educador que vivencia, a cada dia, a realidade concreta da educação. Os seus sábios ensinamentos e exemplos nesta minha caminhada, onde ele consegue deslocar o foco da minha visão para além da centralidade da minha pessoa, agregando o outro a mim. Ao Prof. Renato, meu mestre, muito obrigada por sua constante amorosidade, generosidade e disponibilidade em ajudar-me a realizar o sonho de caminhar rumo ao conhecimento acadêmico e, principalmente, a construir a confiança em mim.

A Prof.^a Dr.^a Maria Carmem Tacca, pela delicadeza, prazer e atenção dedicados aos seus Educandos (as). Sem distinção, ela vai construindo com os mesmos momentos de vida inesquecíveis.

Ao Prof. Dr. Rogério Córdova, que generosamente contribui comigo com seus amplos conhecimentos pedagógicos. O senhor me desperta o desejo do aprender/fazer pedagógico, possibilita-me compreender um pouco mais os caminhos que o levam a estar sempre na defesa da formação de Educadores dentro de uma legítima Pedagogia amorosa.

A Prof.^a Dr.^a Silviane Barbato, pela confiança e gentileza em aceitar participar da banca examinadora desse trabalho de pesquisa, legitimando a troca de saberes entre as ciências.

Aos meus amigos do Grupo GENPEX – Mantendo a caminhada, pela força desde sempre.

A Betânia, Leila (Paranoá), Julieta, Ângela, Rosângela, Walter, Mariano, Gilcelli (Gil), André Carlos, Toinha, Ana Paula (nossa), Keila. Obrigada por poder contar incondicionalmente com cada um de vocês.

A Comunidade Religiosa da Igreja Assembléia de Deus, Taguatinga Norte, (ADET) da qual faço parte, pelas orações a meu favor.

Ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. A Ana Paula, Juliana e todas (os) os funcionários que lá trabalham pela presteza e atenção em minhas solicitações.

A Rita e Hildebrando, livreiros por amor, pelo carinho e compreensão dispensados a mim.

Hino à Sabedoria Misericordiosa:

Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus!
Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos!
Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor?
Ou quem se tornou seu conselheiro?
Ou quem primeiro lhe fez o dom
Para receber em troca?
Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos!
Amém.

(Epístola de Paulo aos Romanos. Capítulo 11, versos 33, 36).

Ao Educador Paulo Freire, por me permitir conhecer um pouquinho do seu pensamento e com isto continuar trabalhando no sentido de não me esquecer jamais a sua citação abaixo:

“A forma de pensar o Brasil como sujeito que levava a uma necessária integração com a realidade nacional, vai caracterizar a ação da Universidade de Brasília que, fugindo obviamente à importação de modelos alienados, busca um saber autêntico, por isso comprometido. Sua preocupação não era formar bacharéis verbosos, nem a de formar técnicos tecnicistas. Inserindo-se cada vez mais na realidade nacional, sua preocupação era contribuir para a transformação da realidade, à base de uma verdadeira compreensão do seu processo”. (FREIRE, 1977, p. 99).

RESUMO

Este trabalho levanta indícios de possíveis repercussões da alfabetização em cinco alfabetizados. Esses alfabetizados são oriundos do Rodeador, zona rural de Brazlândia, região administrativa do Distrito Federal. Esta ação educativa de movimento popular é denominada por alfabetizados e alfabetizadores como: Escola do Coração. Hoje eles encontram-se matriculados na rede pública de ensino, no Centro Fundamental de Ensino nº 11, em Taguatinga Norte, DF. No diálogo cotidiano mantido no espaço de encontros entre alfabetizados e alfabetizadores sobressaem pontos relevantes na discussão para o enfrentamento e superação de desafios para que esses alfabetizados não só voltem à escola, mas que permaneçam nela. O fato gerador deste processo de alfabetização é a demanda de sujeitos não alfabetizados, ou de alfabetização incompleta, residentes na região e que não são alcançados pela rede pública de ensino do Distrito Federal. Esse trabalho de pesquisa utiliza-se da práxis, pregada por Marx e Engels e é realizada através da pesquisa-ação. Privilegia as mudanças qualitativas acontecidas com os sujeitos pesquisados, a partir da alfabetização. Encontra no aporte histórico-cultural o seu norte metodológico. Vygotsky, Bakhtin, Freire, e Reis são alguns dos autores que contribuem na fundamentação do texto. Minha análise indica que a repercussão da alfabetização na vida dos sujeitos da pesquisa é fato. Considerando o desenvolvimento humano e a qualidade de vida dos mesmos antes e depois da alfabetização e escolarização. Indica também que há uma dialogia dialética entre os sujeitos, onde os mesmos falam, pensam, ouvem e atuam com acolhimento, amorosidade e respeito mútuo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Acolhimento. Desafio. Superação.

ABSTRACT

This work raises evidences of possible repercussions of literacy on five adults. Those now literate adults are from Rodeador, located in the rural area of the city of Brazlandia, in the Federal District, Brazil. This popular movement educative action has been called The Heart's School by both those literate people and their teachers. The participants are now studying at the Fundamental Teaching Center 11 in Taguatinga Norte, in the Federal District. In the daily dialogs in the meetings of teachers and students, relevant points stand out in the discussion with the purpose of both facing and overcoming challenges so that those students not only come back to class but also go on attending school. The generating factor of this literacy process is the call for it on the part of people who meet the following requirements: a) are either fully or partially illiterate; b) live in the region where the project is been developed, and c) do not attend a school of the public education network of the Federal District. This research work uses the praxis preached by Marx and Engels and is carried out applying the action research methodology. It emphasizes the qualitative changes occurred in its participants as of the acquisition of literacy. It finds in the cultural and historical background its methodological line used. Vygotsky, Bakhtin, Freire and Reis are some of the authors contributing with the basis of the text. My analysis indicates that the repercussion of literacy in the lives of the participants of the research is a fact, taking into account their human development and life quality before and after acquiring literacy and attending school. It also indicates the existence of a dialectical dialogy among the participants of the research in which they speak, think, listen and act in an environment of acceptance, Love and mutual respect.

Keywords: Youth and adult education. Acceptance. Challenge. Overcoming

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – HISTORICIZANDO O OBJETO	13
1.1 O VÍNCULO ENTRE A COMUNIDADE E A MINHA PESSOA.....	19
1.2 O RETORNO À ESCOLA.....	21
1.3 DA ESCOLA DO CORAÇÃO AO CENTRO EDUCACIONAL FUNDAMENTAL – CEF 11, EM TAGUATINGA NORTE
CAPÍTULO 2 – A PESQUISA	30
2.1 OBJETIVO GERAL	30
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	30
CAPÍTULO 3 – MÉTODO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
3.1 LOCUS DA PESQUISA E SEUS PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	31
3.2 A ESCOLA DO CORAÇÃO	32
3.3 UM POUCO DE TEORIA	38
3.4 AINDA A METODOLOGIA	40
CAPÍTULO 4 - OS SUJEITOS DA PESQUISA: HISTÓRIAS DE VIDA DE JAILTON, AMARO E GILVANDO	43
4.1 JAILTON.....	43
4.2 AMARO	44
4.3 GILVANDO.....	45
4.4 AS FALAS E O SENTIDO DAS FALAS: UM DIÁLOGO AMOROSO	47
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	80

INTRODUÇÃO

Prezada Leitora: Educanda / Educadora,

Prezado Leitor: Educando/Educador,

Retorno à escola para concluir meus estudos aos 47 anos de idade. Sou, portanto, educanda/educadora, oriunda da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

É a partir da realidade precária, que encontro na escola pública nessa modalidade de ensino, que decido continuar meus estudos para especializar-me educadora/pesquisadora no tema. Graduo-me em Letras na Faculdade Michelângelo-DF (2004) para, em seguida, ser aceita como aluna especial (2005) do mestrado em educação na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Exercitando as experiências vivenciadas na Universidade, na disciplina específica sobre a Educação de Jovens e Adultos, começo a unir a teoria à prática em um projeto de alfabetização de adultos denominado Escola do Coração, no Rodeador, zona rural de Brazlândia-DF, devido a existência de adultos não alfabetizados na comunidade.

Meu trabalho – Construindo a Alfabetização de Educandos no Movimento Popular do Rodeador-DF: A Escola do Coração –, levanta indícios da repercussão dessa alfabetização na vida cotidiana dos sujeitos e a continuidade dos seus estudos na escola pública.

Esse trabalho de pesquisa está dividido em cinco capítulos:

No primeiro capítulo, apresento a minha história de vida, que “vai sendo” construída e constituída com o entrelaçamento das várias histórias de outras e outros que dela fazem/fizeram parte. Na busca do sentido da minha história, encontro a história do outro que dá sentido a minha. Fica claro, para mim, o meu estado de ser humano em processo. Percebo que as relações humanas e sociais fazem parte do meu ser em constituição.

No segundo, apresento o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa.

A alfabetização de adultos veio ao encontro dos anseios dos sujeitos que desejavam se alfabetizar e dar continuidade a seus estudos mas, devido a várias impossibilidades, não conseguem fazê-lo.

Já alfabetizados, algumas repercussões podem ser observadas nos sujeitos da pesquisa. Estes educandos ingressam na escola pública, provocando, com isto, o retorno à escola de outras pessoas da comunidade, em séries variadas.

No terceiro capítulo, trago os procedimentos metodológicos, apresento o lócus e os sujeitos da pesquisa. O método desenvolvido no/para o processo.

O método usado nesta pesquisa não é linear. Vai se desenvolvendo no processo da alfabetização de acordo com a necessidade e a realidade de cada educando. É possível observar que o desenvolvimento humano de cada um se dá de acordo com suas histórias de vida, sendo o processo de aprendizado deste determinado conhecimento escolar diferenciado entre eles. Como nos diz Vygotsky: “Somos dialéticos e não pensamos, de modo algum, que o caminho de desenvolvimento das ciências ande em linha reta” (VYGOTSKY, 2004, p. 404).

No quarto, a análise dos dados da pesquisa e os fundamentos teóricos considerados para os resultados obtidos.

Por se tratar de um trabalho de pesquisa de exercitação da práxis, dentro de um processo dialético-dialógico entre sujeitos, julgo ter contribuído para a transformação de realidades que facilitam aos educandos o prosseguimento de seus estudos e, com isto, a possibilidade de deixarem de ser excluídos e calados, e tornar-se sujeitos em processo de constituição político/amorosa.

O quinto capítulo é composto das considerações finais.

Concluo meu trabalho dizendo que fazer uma Educação de Jovens e Adultos diferente, principalmente na alfabetização, é possível e prazeroso. Neste trabalho, o meu pacto indestrutível é com a práxis aplicada a uma situação real concreta vivida pelo outro. Fujo dos padrões tradicionais vigentes na educação pública, sem abrir mão do dever constitucional do Estado (sociedade política), mantendo uma mobilização da sociedade civil articulada com os movimentos populares e os próprios não alfabetizados.

Completo com as referências bibliográficas e os anexos.

CAPÍTULO 1 – HISTORICIZANDO O OBJETO

Reconhecendo que nenhuma sabedoria ou ciência humana de qualquer tipo de conhecimento é possível de ser compreendida por mim, sem antes uma contínua compreensão da sabedoria e ciência de Deus, como nos descreve o Apóstolo Paulo, inicio a narrativa deste trabalho, com a historicidade da minha vida.

Historicidade para mim é o fato de ter sido transformada ao longo da minha vida, tanto individual como coletivamente, através da história em que me encontro inserida, sendo esta história relevante na minha constituição, socialização e transformação como sujeito humano.

Sou Nirce. Nasci aos 31 de Agosto de 1952, em Paranavaí – PR. Meu pai chama-se Antônio e minha mãe Anita. Sou a filha mais velha de uma família de dez irmãos, sendo três deles já falecidos. Vou com minha família para São Paulo, com meses de idade.

Meu pai instala-se com sua família em São Paulo na cidade de São Caetano do Sul na Vila Gerti (1953). Lá pelos anos 60, do século XX, somos obrigados a mudar. Meu pai compra a nossa casa, no Jardim Santa Adélia na periferia da periferia, na zona leste da capital do Estado de São Paulo. Minha mãe e meu pai vivem lá até hoje. O meu pai é metalúrgico aposentado e minha mãe, dona de casa.

Convivo intimamente com o analfabetismo, pois meu pai e minha mãe, tios e avós que conheço nesta época (1960) não freqüentaram a escola. Porém, hoje meus pais dominam a leitura, escrita e calculo. Concluo o curso primário. Chego ao ginásio, de onde não passo do primeiro ano. Não permaneço na escola, devido à minha precária situação financeira. É necessário afastar-me dos estudos para ajudar no sustento da família, aos treze anos de idade, fenômeno que ocorre ainda hoje, com a maioria das crianças que depois retornam à escola em procura de estudo como jovem adulto não alfabetizado, não escolarizado, o que foi o meu caso.

Minha adolescência e juventude são regadas de muita pobreza, repressão familiar e também a do regime militar instaurado no País. Viver sob um regime político de repressão militar, de 1964 a 1985 não é fácil, isso quer dizer, adolescência e juventude de uma vida. Esta é a minha vida, e que vida!

A minha origem é indígena/negra e pobre. O meu Pai é negro/índio, do Norte de Minas Gerais. Minha Mãe é branca, descendente de Nordestinos do Estado de

Alagoas. Estou inserida nessa classificação de brasileiros. Como todos dessa classe, vivo a exclusão perversa de tudo e de todos.

Essa questão, naquela época, não me era muito clara, mas eu sentia a minha família um tanto quanto alienada e silenciada, apesar de já perceber em meu pai certa veia de consciência crítica e política. Nos seus diálogos conosco, ele sempre reconhece que a luta é de classe (ele nunca leu Marx). Esse meu percebimento, hoje, confirmo em leituras e re-leituras de Marx. que diz:

[...] os proprietários da simples força de trabalho, os proprietários do capital, e os proprietários da terra, cujas respectivas fontes de rendimento são o salário, o lucro, e a renda; por consequência, os assalariados, os capitalistas, e os proprietários prediais, constituem as três grandes classes da moderna sociedade, baseada no sistema capitalista de produção (MARX, 1974, p. 741).

A repressão sofrida pela minha classe social nessa e em todas as épocas sufoca toda uma geração de seres humanos no sentido de se calarem, abaixar a cabeça, não falar, não ter direito de sonhar e de fazer escolhas.

Eu tenho treze anos de idade. Dou início a minha vida como empregada/trabalhadora. Sem carteira assinada. Trabalho muito e ganho pouco. Pego o ônibus lotado, todos os dias, com a recomendação diária de meu pai para controlar o que, e com quem falar, pois quase todos os lugares e pessoas eram vigiados no regime repressivo do governo militar. A marmita requentada não é diferente do cotidiano de hoje. Na vida da maioria da tão sofrida população brasileira.

Nessa época, artistas compõem e cantam canções de protesto no seu exílio “confortável”. Porém, pobres da classe social a qual pertencemos eu e minha família só têm o direito de permanecer calados, mesmo sabendo que muitos parentes e amigos estão sendo mortos. E como canta Geraldo Vandré¹ e Caetano Veloso², eu segui Caminhando³, Sem lenço e Sem documento⁴.

Esse tempo que está vivo/vivido, é narrado por mim, nos dias de hoje, de forma simples e com o olhar de quem não vive/viveu no meio intelectual, político e

¹ Vandré, Geraldo. Cantor e compositor de Música Popular Brasileira dos anos 60, famoso por suas participações nos grandes festivais de música da época, sua canção composta em 1968, “Pra não dizer que não falei das flores”.

² Veloso, Caetano. Cantor e compositor de música popular brasileira (MPB) autor da canção “Alegria, Alegria”.

³ Caminhando se tornou um hino de resistência contra o governo militar.

⁴ Sem lenço e sem documento, parte do refrão da música composta e cantada por Caetano Veloso cujo título é Alegria, Alegria.

cultural da época, sendo, portanto, uma visão pouco divulgada, uma vez que a nossa classe social não teve/tem nenhum tipo de acesso a qualquer tipo de comunicação.

É necessário manter a memória viva, fresca, sobre esse período ditatorial da história do Brasil. Manter a consciência impregnada dos fatos vistos/vividos. Isso vale para todos que viram/viveram esse momento histórico. E, sobretudo, para todos que não viram/viveram esse momento, e dele só ouviram falar.

Que estejamos sempre prontos a defender a Democracia no Brasil. Estaremos defendendo a população brasileira, de qualquer tentativa desse ou de qualquer outro regime ditatorial, seja de esquerda ou de direita, que tenha o intuito de cercear todo e qualquer direito de liberdade em todos os sentidos.

Eu faço sempre no meu coração uma oração constante por outros povos e nações, para superarem seus regimes ditatoriais. A fé em Deus é indiscutível na minha vida, desde sempre. Ditadura nunca mais!

Tenho 14 anos de idade, preciso ter um emprego “sólido”, para ajudar no sustento da família. Sou admitida em uma empresa de confecções, localizada no bairro do Brás-SP, onde pela primeira vez tenho minha carteira profissional assinada. Torno-me comerciária. O trabalho contribui para meu desenvolvimento. Faz-me criativa e perspicaz.

Hoje, encontro na leitura do texto de Marx e Engels a significação que preciso para compreender melhor o meu sentimento em relação ao trabalho, não o entendendo simplesmente como emprego: “O trabalho é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (MARX; ENGELS, 1977, p. 63).

O meu trabalho seja secular, na igreja, na comunidade, na alfabetização, na universidade, em casa, **recria-me** a cada dia. Percebo meu desenvolvimento a cada experiência. Penso. Desafio. Crio. Movimento. Abstraio. Supero, Existo. Vivo. Isso é o trabalho para mim. Para Marx, o trabalho é diferente de emprego, o trabalho é produtor de vida, Compartilho com Marx quando ele diz:

De facto, o trabalho, a actividade vital, a vida produtiva, aparece agora ao homem como o único meio da satisfação de uma necessidade, a de manter a existência física. A vida produtiva, porém, é a genérica. É a vida criando vida. No tipo de actividade vital reside todo o carácter de uma espécie, o seu carácter genérico; e a actividade livre consciente, constitui o carácter genérico do homem. A vida revela-se simples-mente como meio de vida (MARX, 1964, p. 164).

Meu emprego é uma forma de trabalho que me faz independente. O meu trabalho sou eu e eu sou o meu trabalho, seja ele qual for. O resultado financeiro do meu emprego é o resultado de um trabalho realizado com prazer e amor. Em suma, o emprego, como forma de trabalho, é uma causa. A consequência é o acesso a vários bens de serviço.

Aprendi bem cedo com meus pais valores como o amor a Deus, ao trabalho e a ética, o respeito ao próximo, a honestidade para com todos, a lealdade aos companheiros de caminhada e a solidariedade para com o outro. Esses valores são verdades absolutas que sempre norteiam a minha vida.

Seguindo esses ensinamentos, trabalho por alguns anos em duas das maiores multinacionais implantadas no Brasil. Uma delas, a Sears Roebuck, que já retornou ao seu país de origem, os EUA. A outra, a holandesa C&A Modas.

Em 1977, para trabalhar na Sears, a empresa exige que eu volte à escola que tinha abandonado. Contrata-me nessa condição. Volto à escola e concluo o primeiro grau pelo então denominado ensino supletivo. Satisfaço a exigência da empresa. Novamente não permaneço na escola por ser provedora da família.

Não posso negar que o contato tão próximo com estruturas capitalistas de grande porte/poder não tenha me contaminado. Justifico-me chamando Reis para me ajudar a entender isso. Reis diz que todos somos capitalistas e não capitalistas ao mesmo tempo. E eu não sou diferente, mas sou contradição. O sistema não me cala. Sempre fala mais alto dentro de mim a origem de onde venho, a discriminação de classe enfrentada por meu pai, durante a minha adolescência e mocidade. Ele sempre pensa no coletivo. A sua lealdade e defesa dos interesses de seu sindicato. Apoio irrestrito às lutas por melhores condições de trabalho e vida, juntamente com seus companheiros/trabalhadores das indústrias metalúrgicas do ABC⁵ Paulista, nas décadas de 60/80, do século XX.

⁵ABC – Sigla que representa os nomes das cidades: Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul, no município de São Paulo.

Assim, acabo me tornando uma “capitalista” na contradição, se assim posso dizer. Filio-me sempre ao sindicato de minha categoria profissional, sindicato de categoria que hoje questiono, pela fragmentação da classe trabalhadora e o conseqüente enfraquecimento da luta sindical.

Nesse tempo eu sou um elemento primordial da linha produtiva. Isso faz com que tenha “voz”, ou seja, meus patrões fingem que eu tenho voz, e eu finjo que acredito, e assim, “comendo pelas beiradas”⁶, quase sempre falo por aqueles que não desfrutam desse “privilégio”.

Reconheço hoje que a minha relação com o outro é quase sempre dialético-dialógica. Isso é entranhado no meu ser. Talvez por viver uma relação familiar, onde meu pai usa diária e incansavelmente o método do diálogo e do amor na educação dos filhos, aliás, raro nas famílias daquela época. Falo e discuto realidades e interesses em contradição. Sobre dialética, Konder esclarece-nos alguns aspectos:

[...]: é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. [...] “Diderot compreendeu que o indivíduo era condicionado por um movimento mais amplo, pela mudança da sociedade em que vivia. “Sou como sou” – escreveu ele –” porque foi preciso que eu me tornasse assim. Se mudarem o todo, necessariamente eu também serei modificado. ”E acrescentou:“ o todo está sempre mudando (KONDER, 2006, p. 8).

Alguns pensam que eu não sei o que falo. Mas eu sei que sei do que falo. Eu falo de mim. Falo a fala do outro que não pode falar, para um outro, que talvez não queira ouvir. Falo de nós quando falo de mim. Polifonia de vozes? Sim. Bakhtin afirma que:

A confiança na palavra do outro, a aceitação reverente (a palavra autoritária), o aprendizado, as buscas e a obrigação do sentido abissal, a concordância, suas eternas fronteiras e matizes (mas não limitações lógicas, nem ressalvas meramente objetivos), sobreposições do sentido sobre sentido, da voz sobre voz, intensificação pela fusão (mas não identificação), combinação de muitas vozes (um corredor de vozes), a compreensão que completa, a saída para além dos limites do compreensível, etc. Essas relações específicas não podem ser reduzidas nem a relações meramente lógicas nem meramente objetivos. Aqui se encontram posições integrais, pessoas integrais (o indivíduo não exige uma revelação intensiva, ela pode manifestar-se em um som único, em uma palavra única), precisamente as vozes. (BAKHTIN, 2003, p. 327).

⁶ Comendo pelas beiradas, termo meu, sigo independente, fazendo o que a minha consciência acha que devo fazer.

É isto. Eu me manifesto por minha fala, aprendo com a fala do outro, confio na palavra do outro que também confia na minha. Somos pessoas integrais buscando as nossas posições integrais no mundo em que estamos construindo. O nosso recurso é a nossa fala. Como diz Bakhtin (2003), mais “precisamente as vozes”.

A liberdade de fala faz-me independente! E é em Marx que sigo confirmando a base do meu sentido de ser independente: “Um ser só é independente quando dono de si mesmo, e só é dono de si próprio quando a si mesmo deve a existência” (MARX, 1964, p. 203).

Minha fé é concreta, real, sem dogmas religiosos. O mandamento maior é amar o outro como a si mesmo. Sou mais que independente. No Cristo, sou livre. De católica praticante, torno-me protestante, membro da Assembléia de Deus (1984). A Bíblia, no livro de Romanos diz: “Não devais nada a ninguém, a não ser o amor mutuo, pois quem ama o outro cumpriu a Lei” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, Livro de Romanos, cap. 13, v. 8).

Depois de trabalhar por alguns anos nessas empresas citadas, em 1986 resolvo ter meu próprio negócio. Prossigo/persigo minha independência. Dela não abro mão. Um sonho/sonhado, por quase dez anos, junto com meu segundo marido/companheiro/amigo.

Problemas e desafios não faltam nesta caminhada de pequena empresa. Recomeçar/superar é sempre uma necessidade constante para mim, com tantos planos e governos diferentes.

O fantasma do famoso capital de giro/girando em torno de nós faz-me caminhar pra frente. A experiência de quem aprendeu a superar as dificuldades. Consigo manter em pé a minha empresa. Com ela garanto o sustento de toda a minha família, sendo o ambiente usado também como primeiro emprego de filhos e netos.

O tempo passa. Dois casamentos. Os filhos crescem. Os netos chegam. Mudo-me de Taguatinga-DF, para a zona rural de Brazlândia, em um local denominado Rodeador.

1.1 O VINCULO ENTRE A COMUNIDADE E A MINHA PESSOA

[...] a vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde ai perde o poder de continuação - porque a vida é mutirão de todos, por todos remexidos e temperados (GUIMARÃES ROSA, 1979, p. 477).

Sob a inspiração de Guimarães Rosa, em 1996 conheço o Rodeador. Junto com alguns amigos, compramos lotes de terra dentro da já existente chácara 126b. Essa terra é originária do Instituto Nacional de Reforma Agrária-INCRA e vendida pela 1ª vez no ano de 1986, segundo escritura pública. Atualmente, somos o 3º comprador, também, segundo escritura pública.

Eu e meus amigos escolhemos esta comunidade do Rodeador para morar por ser próximo à cidade, manter o conforto urbano e possuir a tranquilidade rural. Era o que eu pensava.

Algum tempo depois que chegamos, ainda com a casa inacabada, a Companhia Energética de Brasília – CEB cortou a energia das casas que havia no local.

Para minha surpresa, sou informada pela CEB que, por ordem do Governo do Distrito Federal – GDF, não religaria mais a energia na região. A alegação é de que as terras são irregulares. Mas a verdade é que as terras são comprovadamente de propriedade particular, pois foram adquiridas através de contrato de compra e venda legal transitada em cartório de registro de imóveis em Taguatinga - DF.

A CEB alega que as terras possuíam uma única escritura e que a mesma deveria ser dividida em lotes de no mínimo vinte mil metros quadrados, ou seja, módulo rural registrável na legislação da época (1998), e que só assim reconheceria as escrituras e voltaria a fornecer energia para o local.

Reuni a Comunidade na minha casa pela primeira vez para explicar o que estava ocorrendo, e juntos resolvermos o problema. O vínculo e laços afetivos começam a ser criados.

Compartilho o desespero de muitas famílias que haviam comprado lotes menores por não possuírem condições financeiras, não sabendo como resolver isso.

Começa, aí, uma luta que dura oito meses de embates com a CEB e o GDF⁷ na época (1998), em um governo denominado democrático popular. A constituição do grupo levou tempo. O embate não era só com a companhia, mas era também entre nós. Estávamos nos conhecendo e criando confiança uns com os outros, Fontana (2003) esclarece o assunto sobre esse tempo de re-conhecimento que estávamos vivendo, quando diz:

[...] ao longo desses cinco meses, cada uma de nós foi construindo uma atitude com relação às outras, como destinatárias dos nossos dizeres. Fomos construindo, encontro a encontro, uma proximidade/intimidade como interlocutores, uma confiança no acolhimento e na compreensão de "nossas palavras" e uma identidade como grupo, que possibilitou trabalhar em co-participação (FONTANA, 2003, p. 76).

Muitas idas e vindas. Discussões com os assessores de gabinete de Estado da vice-governadora. A nossa reivindicação não era para que se fizesse nada contra a lei, mas dentro da lei. Segundo os assessores do gabinete de Governo, esse era um problema deixado pelo governo anterior e notávamos uma certa falta de vontade do Estado de se resolver o problema.

As pequenas comunidades rurais, como o Rodeador, são abastecidas de água de poço comum, necessitando de bomba elétrica para a retirada da água. Logo, sendo a agricultura nessa região, a responsável pela subsistência humana e familiar, a água e a energia elétrica são fundamentais. Precisávamos apenas que houvesse uma contra ordem do GDF autorizando a CEB a fazer a ligação de emergência da energia elétrica essencial no local, bem como conceder prazos para que resolvêssemos as questões burocráticas pendentes. Não fomos atendidos.

A comunidade fica oito meses no escuro, com uma rede elétrica toda pronta passando por dentro do meu quintal.

É lógico que dentro daquele grupo há uma diferença de classe social. Isso fica claro nas reuniões para a defesa de interesses, o que poucos sabem fazer. Apesar disso, defendemos junto com o nosso advogado, amigo e morador, os interesses de todos com primazia. As reuniões quase sempre são na minha casa. Faço questão de que tudo seja claro, transparente e a linguagem acessível a todos.

Está em nossas mãos e nas nossas relações de confiança resolver aquilo que é a nossa primeira situação-problema-desafio (REIS, 2000, p. 47).

⁷ GDF – Governo do Distrito Federal.

Em uma das reuniões é sugerido, pelo grupo presente, que a terra seja toda dividida em lotes mínimos ideais de 20.000 metros quadrados para escrituração, e cada proprietário pague o imposto referente à terra que realmente possui, garantindo, assim, o direito de cada proprietário através de uma Cessão de Direitos, documento reconhecido em cartório específico.

Feitos os encaminhamentos necessários, **sem** a ajuda dos “representantes” políticos/partidários da região, mas tendo como base as relações criadas nas discussões coletivas a partir da unidade e da confiança do grupo, resolve-se o problema de todos.

A Comunidade paga, na época, trinta mil reais mais impostos para adquirir uma rede elétrica nova por exigência da CEB, que alega não ter dinheiro em caixa para fazê-lo. Depois de tudo pronto, temos que fazer a doação da nova rede à CEB, mesmo sendo esta uma companhia estatal, com a obrigatoriedade de fornecer energia elétrica para todos, sem distinção. Só assim garantimos o direito à manutenção da rede, trabalho impossível de ser executado pela comunidade, por ser de alto custo.

Passado alguns meses, o GDF começa a fornecer energia elétrica em algumas áreas da Ocupação⁸ da Estrutural⁹, sem nenhuma exigência, atendendo a interesses outros. No ano de 2003, o Governo Federal lança o programa Luz para Todos, totalmente gratuito.

Esse fato é o primeiro contato real entre minha comunidade e eu. Isto gera o vínculo de amizade e confiança até os dias atuais.

1.2 O RETORNO À ESCOLA

Aos 47 anos de idade (1999) há ainda uma inquietação: voltar à escola para fazer o ensino médio, com o complemento de algumas disciplinas do atual currículo

⁸ Ocupação, termo adotado por Reis para referir-se as invasões de moradores excluídos do sistema do Estado, que não faz valer a esses o direito a moradia. Para o Estado, invasão. Para os moradores, Ocupação.

⁹ Vila Estrutural. Ocupação localizada a 8 km do Plano Piloto, as margens da (EPCL) Estrada Parque Ceilândia (Cidade Satélite do DF) é também vizinha do Parque Nacional. Ocupa 215,022 hectares, no início dos anos 60, aprox.70 pessoas ocupavam a área do lixão, como catadores, o lixão expandi-se e com ele a Ocupação, em 2005 já era uma das maiores Ocupações do DF, com 6700 famílias, ou seja, aprox.30.000 pessoas.

do ensino fundamental (Lei 9394/96). Escolho a mesma escola dos anos 70/80 do século XX.

A minha expectativa é alta. A minha decepção é grande! Não reconheço a escola, e muito menos ela a mim, apesar de ainda existir, nela, sujeitos daquela época. Que escola é essa, Deus meu! Que caos! Chego à escola com o pensamento de que a Educação de Jovens e Adultos é Direito Humano Constitucional e, está na Constituição do Brasil no Capítulo III – Da Educação, da Cultura, e do Desporto. Seção I – Da Educação. Artigo 206, inciso VII: “- garantia de padrão de qualidade”. “Artigo 208, inciso I: ensino fundamental obrigatório e gratuito assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; inciso II:”- progressiva universalização do ensino médio gratuito”; inciso VI: “oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando”.

Matriculada e aluna regular na Educação de Jovens e Adultos, não encontro qualidade no ensino apesar de ser direito constitucional, bem como a propalada adequação às condições do educando. A postura que alguns gestores, professores e servidores da escola assumem é de descrédito, mesmice, descompromisso, falta de vontade e motivação entre os agentes.

Não percebo vida movimento/envolvimento/identificação, entre as pessoas. Não sou acolhida afetivamente. Pela primeira vez na minha vida, não faço amizade com ninguém. Não há relação professor/educando/escola. Quase todos os meus professores me dizem: “isso aqui não vai te levar a lugar nenhum. Vocês são só numero para as estatísticas do governo, a ‘EJA’ não ensina nada a ninguém.”

Diante dessa situação, preocupo-me com aqueles que de fato dependem ainda da Educação de Jovens e Adultos – EJA – para continuar seus estudos. Jovens ou adultos com sonhos e desejos a realizar, que imaginam que a educação pode ajudar na superação dos vários problemas/desafios que a vida lhes coloca.

Tenho duas alternativas: uma é sair sem ser notada, o que não é nada difícil naquele contexto. Mas não é do meu feitio. A outra é enfrentar, assumir, ajudar, contribuir. Sigo a independência da minha consciência. Vou ficar e tentar fazer a diferença.

Em Fontana (2003), no relato sobre Magda Soares, encontro fundamento para a decisão tomada. Ela diz:

[...] perceber-se no contexto em que se foi constituindo professor (a), analisar a emergência, a articulação e a superação das muitas vozes e das categorias por elas produzidas, para significar os processos culturais, e então criticar-se (ou não) e rever-se (ou não), aderindo (ou não) a outro projeto de escolarização (FONTANA, 2003, p. 48).

Concluo todas as disciplinas devidas do Ensino Fundamental e Médio no final de 1999, não mais com o nome de supletivo, mas EJA. Ou seja: Educação de Jovens e Adultos. Ficar somente na sigla “EJA” é banalizar a importância e grandeza da Educação de Jovens e Adultos.

Da Educação de Jovens e Adultos no Centro de Ensino Médio em Taguatinga-DF, sigo para prestar vestibular, no ano 2000, quando ingresso no curso de Letras, graduando-me em 2004.

Tomo o caminho da especialização para contribuir na transformação da realidade encontrada na escola pública. Encontro nessa nova/velha escola, motivos mais do que suficientes para uma tomada de decisão: Serei educadora.

Educadora/pesquisadora/pesquisada sou hoje, atuante no movimento popular na Alfabetização/Educação de Jovens e Adultos, busco para as Educandas (os) **sem voz, vez e decisão** (REIS, 2000) a educação a que todas e todos tem direito adquirido.

Uma reflexão constante que faço é sobre o porquê da volta do adulto à escola. É possível pensar que, na maioria dos adultos como eu, que retorna à escola, existe a necessidade de resgate do Ser aprendente que é inerente ao ser humano. A aprendizagem impossibilitada no tempo devido deixa a sua marca. O desejo de ser/Ser, inserido/incluído, em um “mundo” que detém um determinado conhecimento. Freire fala do respeito ao homem de uma “ontológica vocação de ser sujeito” nesse homem (FREIRE, 1977, p. 36).

De acordo com algumas histórias de vida que conheço, penso que a “falta de condições materiais” do educando, uma das desculpas geralmente usada do mesmo não se alfabetizar, não é culpada sozinha. Existem, segundo Freire, forças que tem como interesses básicos a alienação do homem. “Na manutenção desta alienação. Daí que coerentemente se arregimentassem – usando todas as armas contra qualquer tentativa de aclaramento das consciências, vista sempre como séria ameaça a seus privilégios”. (FREIRE, 1977, p. 36)

Diante desta posição de Freire, que a mim me parece bem mais importante do que a falta de condições materiais que pode haver para o educando se

alfabetizar, afirmo que qualquer educadora ou educador da alfabetização, fundamental, médio ou superior, que negar oportunidade a estes sujeitos, estará negando-lhes o direito de tentar a superação de desafios e limites inerentes ao ser humano. E das várias possibilidades que pode resultar um sujeito humano, não importando os títulos e o conhecimento que esse educador (a) tenha.

Este Educador(a) desrespeita o direito da vocação de ser sujeito do homem, de que fala Freire. Estará compactuando com a manutenção desta alienação do homem a que Freire se refere.

Freire (1977, p. 43) diz:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor.

O Educador é forjado na práxis. É no exercício da práxis com sujeitos humanos que essa educadora ou educador se conhece/reconhece. O conceito de práxis a que me refiro é o mesmo usado por Marx na XI tese sobre Feuerbach, onde diz: “Os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é transformá-lo” (MARX; ENGELS, 1963, p. 208).

Eu só consigo transformar o mundo sempre que faço a minha parte. Agindo, atuando, participando da construção do universo em que estou inserida.

Como a maioria dos Jovens e Adultos, sempre compartilhei da idéia de que havia chegado à escola tarde por ter avançada idade. Desse sentimento, eu não partilho mais.

Na caminhada rumo a minha formação, encontro o seguinte paradoxo: Jovens professores/educadores “bem formados” e doentes não conseguindo criar, inovar, sem saber o que fazer para atrair suas educandas e seus educandos a permanecerem na escola, sendo possível dizer ser este um dos motivos que tem provocado a evasão escolar em massa.

Alguns Mestres e Doutores, cheios de “conhecimento e conteúdo” responsáveis pela formação de professores/educadores que começam a perceber que somente os conteúdos não estão mais dando conta de explicar a imensa quantidade de sujeitos, ainda excluídas (os) da educação no Brasil. E mais, a

“fabricação” dos não alfabetizados funcionais¹⁰. Termo adotado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura, 1978) produzida pela própria escola, que traz no seu bojo ainda as idéias da ciência clássica, “exata”, determinista, que tem nos conteúdos sua base, sem ao menos se preocupar com o sujeito cibernauta¹¹ do seu tempo.

Faço uma leitura desse tempo na escola de hoje e percebo que falta nesse novo/velho modelo de educação, o chão que denomino práxis. Aquela velha práxis que quando entranhados a ela, sempre nos faz novos. Fica claro quando o professor/educador/mestre/doutor não passa por ela; falta-lhe o chão, pois a teoria se complementa na práxis.

É grande o desafio que está posto no meu caminho rumo a uma formação continua/coletiva como educadora/pesquisadora. E esse desafio é o de apostar na capacidade existente na ação/reflexão/ação que obtenho com o exercitamento diário da práxis. Uma atuação com sujeitos humanos representa, sempre, inúmeras possibilidades. Não quero uma ação/reflexão já definidas *a priori*, por pretensos detentores do conhecimento ou determinismos históricos. Quero a minha ação/reflexão definida a partir da necessidade cotidiana que se apresentar no meu caminhar dentro da educação.

Com o exercício da práxis é possível a construção coletiva de uma educação melhor, unindo trabalho manual e trabalho intelectual. Fazendo acontecer uma produção de conhecimento, que conheça e atenda as necessidades de todos.

A educação pública de crianças, jovens e adultos é uma dívida social nunca resolvida por nenhum dos governos brasileiros. Digo, parafraseando Marx: Educandas/Educandos/ Educadoras/Educadores do Brasil, uni-vos!, no sentido de, coletivamente, caminharmos juntos com um único propósito, o de superar de vez o analfabetismo e a não escolarização da população brasileira.

Continuo a caminhada quanto à minha formação profissional e humana. Sou aceita como aluna especial na disciplina Tópicos da Educação de Jovens e Adultos,

¹⁰ Analfabetos Funcionais, [...] Vinte anos depois, a UNESCO sugeriu a adoção dos conceitos de analfabetismo e alfabetismo funcional. Portanto, é considerada não alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita e habilidades matemáticas para fazer frente às demandas de seu contexto social e utilizá-las para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

¹¹ Cibernauta, usuário de um espaço virtual ou de uma rede internacional de telemática (conjunto de serviços informáticos, fornecidos através de uma rede de telecomunicações).

do mestrado em educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (2005).

Os colegas educandos, o professor e a disciplina são acolhedores e envolventes. Busco uma explicação para o sentimento interior vivo/vivido nas aulas/encontros. Fontana (2003, p. 73) me dá a descrição completa ao dizer:

Uma pungente sensação de ignorância silenciava: quanto a conhecer! A própria dúvida mal conseguia ser formulada: Diante de tanta coisa que eu não conheço que não faz sentido, eu nem sei o que perguntar como perguntar, o que dizer... O desejo de conhecer quase se afogava em nós.

O conhecimento adquirido faz-me avançar a passos largos na caminhada rumo a minha constituição de sujeito com alma e pensamento livre, à medida que a vivência através da disciplina me faz ter a clareza do meu papel social. A troca de experiências educacionais com sujeitos também em-sendo¹², como eu, vai constituindo-nos. Eles reconhecem e respeitam o saber acumulado durante a minha vida.

Assim sendo, desperta em mim, a motivação de fazer uma ação alfabetizadora na comunidade rural onde moro. E a experiência do professor Renato e nosso grupo GENPEX¹³, sem dúvida, é o fator relevante para isso. Essa ação ficou conhecida entre alfabetizados/alfabetizadores como a Escola do Coração.

Começo a trabalhar na comunidade de acordo com a experiência aprendida em situações educativas formais e/ou não formais, ou seja, na universidade ou na organização popular, onde desenvolvo mentalidades que considero positivas por meio de práticas constantes e reflexivas de participação.

Falo, agora, como um membro de uma parcela da sociedade envolvida no processo histórico com uma visão de totalidade humana, que visa promover a justiça social para com aqueles a quem os direitos mínimos de sua existência humana foram negados, ou seja, todos que foram excluídas/excluídos do/no processo de se alfabetizar/escolarizar. Severino (1986, p. 11) traduz o meu sentimento quando assevera que “o educador não pode realizar sua tarefa e dar a sua contribuição

¹² Em-sendo, [...] Ou seja: não sou só Eu. Mas, Eu, o Outro e minha Circunstancia. Ou minha Circunstancia, o Outro e Eu. Na resultante dialética, todos constituem todos, constituindo-se e sendo constituídos nas e com as Relações Sociais. (REIS, 2000, p. 73).

¹³ Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-culturais – GENPEX. O grupo funciona na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília-UNB e é inscrito no Lattes-Grupos de Pesquisa

histórica se o seu projeto de trabalho não estiver lastreado nesta visão de totalidade humana”.

Seria impossível estar inserida em qualquer ação investigativa, concernente à Educação de Jovens e Adultos, que não fosse parte integrante da minha constituição como sujeito desse contexto, ainda mais se não trouxesse comigo um esforço de superar o analfabetismo e a não escolarização existente pelo menos à minha volta.

Defino como locus de atuação de construção coletiva para a ação alfabetizadora a comunidade onde moro, e, em primeiro momento, as pessoas da Igreja que comungo. Lá, encontro pessoas que não haviam sido alfabetizadas. Devido a esse fato, começo a articular um projeto de alfabetização. Realizo pequenas reuniões em minha casa.

Visito, juntamente com o grupo da Igreja (Assembléia de Deus), a comunidade para fazer um senso das pessoas interessadas. Assim nasce carinhosamente a chamada Escola do Coração.

A Escola do Coração e seus educandos/educadores desenvolvem-se dentro dos princípios da compreensão, amorosidade e acolhimento que norteiam a construção do grupo GENPEX da Faculdade de Educação, na Universidade de Brasília. Neste desenvolvimento, vários alfabetizados conseguem dar continuidade aos seus estudos na rede pública de ensino.

É neste contexto que emerge o objeto de estudo desta pesquisa, que tem como prioridade investigar e registrar as possíveis repercussões dessa alfabetização nos educandos que dela participaram.

1.3 DA ESCOLA DO CORAÇÃO AO CENTRO EDUCACIONAL FUNDAMENTAL – CEF 11, EM TAGUATINGA NORTE

Os educandos já alfabetizados começam a buscar a continuidade de seus estudos na rede pública de ensino.

Depois de muitas idas e vindas na busca de vagas com/para eles na rede pública de ensino, com muita burocracia enfrentada/vencida, testes de adequação à série, constrangimentos, poucas escolas que oferecem a Educação de Jovens e Adultos na rede, matrículas em falsos projetos populares, falta de transporte coletivo

à noite na nossa região, com toda essa situação-problema-desafio, os Educandos matriculam-se no Centro de Ensino Fundamental 11 em Taguatinga Norte, mas pelas razões expostas acima não podem dar continuidade a seus estudos, contrariando o seu desejo. Os educandos perdem todo o ano de 2007, um tempo precioso para eles.

Mais uma vez, refletir e superar são as lições de cada dia postas em prática pelo grupo.

Os Educandos, por suas necessidades cotidianas, entenderam que precisavam continuar indo à escola, na medida em que esta funciona como instrumento de ligação, ou ponte para os primeiros esclarecimentos da própria vida, após a aprendizagem e construção do conhecimento.

Enfim, eles são matriculados novamente no Centro de Ensino Fundamental-11, na Praça do Bicalho em Taguatinga DF, em 2008 na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O ano de 2008 é mais um ano de desafios a serem superados. O período letivo do ano começa incerto e desestabilizado para os Educandos. Eles me trazem as suas dúvidas de continuar ou não na escola. O desafio é o transporte escolar. O carro partilhado foi vendido pelo educando / proprietário.

Vou a Regional de Ensino¹⁴ em Taguatinga e tomo conhecimento dos procedimentos a serem tomados para que o transporte escolar aconteça, ou seja, o pedido que é feito por mim ao representante de transporte escolar público é para que o ônibus escolar que já atende uma comunidade rural próxima da nossa tenha o seu trajeto estendido até nossa área.

Mas lidar com a burocracia de governo é sempre um desafio. As respostas são sempre as mesmas: “Não tem dinheiro”. “Tem que aguardar licitação”. “Não está orçada essa despesa”. O tempo passa, o transporte não vem e o semestre letivo começa. Os Educandos estão perdendo aula. Fico preocupada por perderem o semestre por faltas.

Ligo à promotoria da educação. Informo-me dos procedimentos legais para formalizar uma ação contra o Governo do Distrito Federal (GDF). Informo ao responsável pelo transporte escolar da regional de ensino de minha iniciativa. Dessa

¹⁴ Regional de Ensino, Órgão Estadual que responde pela Secretaria de Ensino, nas regiões administrativas de Brasília.

forma, ele providencia o transporte escolar a que os educandos têm direito em uma semana.

Além dos educandos, este transporte vem atender as necessidades da comunidade, onde muitos que desejam retornar à escola o fazem agora.

Assumo que, na elaboração desse texto, misturo as marcas da minha trajetória de vida com as marcas da trajetória de vida dos Alfabetizados e que esta mistura segue nos constituindo como sujeitos que tem obrigações de uns para com os outros.

CAPÍTULO 2 – A PESQUISA

2.1 OBJETIVO GERAL

Registrar e documentar a investigação do trabalho realizado com 5 adultos alfabetizados pela Escola do Coração, zona rural de Brazlândia, DF.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1 - Levantar as repercussões da Escola do Coração, situada no Rodeador-Brazlândia - DF em 5 dos seus primeiros alfabetizados;
- 2 - Analisar a hipótese de ocorrência do “dessilenciamento” desses alfabetizados na continuidade de estudos.
- 3 - Analisar as possíveis diferenças entre a natureza das relações sociais da Escola do Coração e do CEF 11 – Centro de Ensino Fundamental 11.
- 4 - Identificar as iniciativas de superação dos desafios colocados aos educandos, à continuidade de seus estudos.

CAPÍTULO 3 – MÉTODO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao detectar uma necessidade real concreta de aquisição de leitura, escrita, cálculo e autonomia de vida em sujeitos da comunidade onde moro, decido, com eles, mudar esta realidade.

Para tanto, utilizo os seguintes procedimentos metodológicos:

- 1) O princípio da Inserção-Participativa-Contributiva-Superativa-Mútua, (REIS, 2000, p. 132-146);
- 2) A situação/problema/desafio (REIS, 2000, p. 47-51) e os encaminhamentos de sua superação são a base dos procedimentos metodológicos dessa pesquisa. A situação/problema/desafio que utilizo tem a seguinte significação:

As situações-problemas-desafios referem-se às necessidades econômicas, financeiras, sociais e culturais que caracterizam o cotidiano vivido/enfrentado pelos moradores do Paranoá, como decorrência da lógica excludente inerente à distribuição da riqueza econômica e cultural produzida no país. Daí, a condição de excluídos e de exclusão do não alfabetizado, ou uma inclusão degradante como chama atenção José de Souza Martins. A questão essencial é que a lógica do modo de produção capitalista joga de forma estrutural, violenta e cada vez mais perversa (REIS, 2000, p. 47).

3.1 LOCUS DA PESQUISA E SEUS PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Esta parte do Rodeador, zona rural de Brazlândia DF a que me refiro nesse trabalho, encontra-se localizada às margens da Rodovia DF-001, no Núcleo Rural Alexandre Gusmão. Essa comunidade ocupa a Gleba II na reserva J, próximo ao Km 95 da Rodovia acima citada.

O Rodeador encontra-se dentro da Área de Preservação Ambiental (APA) do Cafuringa¹⁵ e fica próximo ao complexo de ecoturismo do DF, que possui pontos de rara beleza natural, como é o caso do Poço Azul¹⁶, da Chapada Imperial¹⁷, e do Parque Nacional de Brasil¹⁸.

¹⁵ APA do Cafuringa, Área de proteção ambiental, cujo nome é Cafuringa, localizada próximo a zona rural de Brazlândia-DF.

¹⁶ Poço Azul, poço de águas naturais, de tonalidade azulada, pertencente a APA do Cafuringa.

¹⁷ Chapada imperial, Águas, fauna e flora, do cerrado, da APA do Cafuringa.

¹⁸ Parque Nacional de Brasília, Reserva de Proteção Ambiental – APA do Cafuringa.

No Rodeador também acontece, anualmente, uma das melhores festas do Brasil, a do morango, na qual a pesquisa de agricultura local sempre é premiada. Existe ali um núcleo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) para apoiar tanto as pesquisas na área agrícola como os agricultores locais.

O fato de o Rodeador estar localizado no entorno próximo da cidade de Brasília e dos seus palácios de arquitetura renomada, não faz esta zona rural diferente da maioria da periferia pobre de qualquer município do Brasil.

No Rodeador não há escolas que atendam à demanda noturna da alfabetização na Educação de Jovens e Adultos. Muitos lá não sabem ler e escrever e trabalham manipulando venenos e agrotóxicos na área agrícola.

Não há, para o uso dessa comunidade, transporte público decente, segurança pública, telefone, internet, posto de saúde, hospitais, saneamento básico. Como um membro da comunidade do Rodeador acompanho, na medida do possível, o trabalho e as carências desta comunidade pobre, formada por famílias de pequenos agricultores.

Normalmente, esses agricultores são meeiros e caseiros empregados de chacareiros produtores comerciantes que distribuem seus produtos na Central de Abastecimento do Distrito Federal (CEASA), nos hipermercados e varejões de Brasília. Mas o bonito é que essa comunidade desamparada pelo Estado não fica inerte esperando as coisas “caírem do céu”. Ela vive/sobrevive e dá o troco desse abandono dos governos. Trabalha de sol a sol, em condições precárias, e fornece à cidade de Brasília e entorno frutas e verduras de várias espécies e de boa qualidade.

Os trabalhadores levantam muito cedo, diariamente, para colher e deixar a colheita feita na madrugada no CEASA, abastecendo assim o DF, de domingo a domingo, e ainda exporta seus produtos para o entorno de Brasília-DF. Alguns desses trabalhadores fazem parte da Igreja que freqüento e, com eles, começo o projeto de alfabetização.

3.2 A ESCOLA DO CORAÇÃO

O projeto de alfabetização Escola do Coração inicia-se com o meu olhar sobre a comunidade religiosa que participo e percebo que há pessoas que não

sabem ler. Mas todos têm em mãos suas bíblias abertas. Devagar, eu e algumas pessoas começamos a conversar sobre isso e logo somos um grupo bom para começar a trabalhar. Decidimos construir o projeto de alfabetização na igreja.

Reunimos-nos para planejar as necessidades básicas do projeto.

Eu e os futuros educandos chegamos à conclusão de que precisamos de uma mesa grande, cadeiras, quadro, pincéis, colaboradores, para ajudar-me durante o período que eu estivesse ausente nas minhas aulas à noite, na Universidade.

O grupo interessado fica desejoso de iniciar as aulas. Compro o material necessário e juntos construímos a mesa em forma de coração, símbolo de acolhimento, um enorme coração onde todos cabem dentro, construímos o nosso quadro negro (branco). É muito interessante esse momento de construção material afetiva e coletiva.

Construímos um coração de mais ou menos três metros de diâmetro. Só quando chegamos à porta da sala onde o mesmo ficaria nos demos conta de que ele jamais passaria na altura e largura da mesma.

Fizemos então uma abertura no canto da parede, de teto a chão, de mais ou menos trinta centímetros de largura, e depois de passarmos o tampo da mesa fechamos a parede. Esse símbolo da nossa escola está sempre presente dentro de nós.

A parceria da alfabetização é feita com a Igreja Assembléia de Deus Taguatinga Norte (ADET), localizada no INCRA II/Rodeador que contribui, construindo no terreno do templo a sala de aula, e cedendo as cadeiras.

Eu percebo que esta construção dialético-dialógica com estes sujeitos está repercutindo em mim e, com isto, esse condicionamento ao trabalho constante, que é a minha marca, é bastante útil e necessário.

Às vezes penso na responsabilidade que estou assumindo com o Outro. Sinto neles uma esperança, isto me faz olhar á frente. Lembro-me das minhas leituras de Gandhi, e de que o mesmo estava sozinho quanto toma para si a reconstrução da Índia. Não estou me comparando a Ghandi, apenas sendo influenciada por ele a fazer a minha parte.

Gandhi (1982, p. 74) escreve:

O homem se torna muitas vezes o que ele próprio acredita que é. Se eu insisto em repetir para mim mesmo que não posso fazer uma determinada coisa, é possível que eu acabe me tornando realmente incapaz de fazê-la. Ao contrário, se tenho a convicção de que posso fazê-la, certamente adquirirei a capacidade de realizá-la, mesmo que não a tenha no começo.

No projeto, os colaboradores/alfabetizadores são dois adolescentes do ensino médio da rede privada e um adulto sem a conclusão do ensino médio.

A alfabetização começa com muita animação por parte de todos, até daqueles que achavam que era só “fogo de palha”, e nela não acreditavam.

O grupo inicial é bom. Entre 15 e 20 pessoas. Além do grupo da igreja, pessoas da comunidade participam do projeto. São pessoas vindas das regiões norte e nordeste, que chegam para prestar serviço temporário, mal remunerado e moram em condições subumanas. Analfabetos, “*sem voz/vez, e decisão*” (REIS, 2000, p. 58).

O meu compromisso é com a transformação da realidade encontrada lá no Rodeador. Libertar pessoas do mutismo/silêncio em que elas se encontram

Eu aprendo com Grupo de Educação Popular (GENPEX), na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, que é possível fazer uma educação diferente. Com isto, a minha práxis é exercitada. Vejo que experiência de ação no movimento popular dentro da educação de jovens e adultos aponta para resultados relevantes. Sou oxigenada pelo/com o grupo que me ajuda a desenvolver esta minha nova práxis.

Refletindo sobre isso, vejo um pressuposto básico de Vygotsky delineando-se conforme nos diz La Taille, Oliveira e Dantas (1992, p. 24):

Vygotsky tem como um de seus pressupostos básicos a idéia de que o ser humano constitui-se enquanto tal na relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem.

Na Escola do Coração, o número de educandos presentes não é problema.

A nossa preocupação sempre são os ausentes. Principalmente aqueles que são privados de ir e vir. “Não por grades”, mas, por prisões humanas, disfarçadas de “trabalho” onde alguns são obrigados a resistir por causa da subsistência própria e de suas famílias. Coisa muito comum de se ver na região.

Um grupo de educandos e agora alfabetizados permanece firme. Eles têm emprego fixo na região como caseiros, e avançam confiantes. Eles têm um alvo, continuar os estudos na escola pública. Reis (2000, p. 4) explica o que está acontecendo:

Nessa história toda, sujeitos estão se constituindo. Estão se desenvolvendo. Em direções diversas e múltiplas. E a alfabetização de jovens e adultos vem trazer a marca e contribuição nessa constituição e desenvolvimento. Não é uma ação isolada de educação. É uma ação dentre as várias ações, que o movimento popular e os moradores estavam desenvolvendo para existir e sobreviver. A alfabetização de jovens e adultos é e está intrínseca à luta e produção social da vida, dos moradores do Paranoá.

A situação/problema/desafio delinea o caminho do método que é diariamente construído sempre na medida do aparecimento de cada necessidade.

Não faço chamada. Ensinar uma pessoa ou dez pessoas não faz diferença. Sempre consideramos os momentos de crescimento coletivo. Muitas vezes, uma prosa entre um educando e o educador é um ganho profundo na construção de conhecimento mútuo.

É outro tipo de escola. Eu vivo/aprendo isso!

O horário é flexível, entre dezenove e vinte e uma horas, segundo as atividades de cada um. As aulas acontecem cinco dias na semana. Com mais ou menos vinte dias de férias em julho.

Não usamos “livro didático” e nenhum material produzido *a priori*. Usamos textos de literatura brasileira diversos, para o exercício e despertar da leitura, escrita e cálculo. Os temas de aula são trazidos pelos educandos e alfabetizadores. Em geral, estão ligados aos desafios diários com a família, ao trabalho, às notícias de revistas, jornais, TV, a Comunidade, a Igreja, a quadra de futebol, o meio ambiente local, a conservação da Reserva do Parque Nacional de Brasília, que está de frente para rodovia DF-001, onde moramos, e demais assuntos de interesse dos educandos e da comunidade.

Um exemplo especial é quando apresento aos educandos um enorme e volumoso dicionário (HOJAISS, 2001) que possuo, e vou ensinando-os a manuseá-lo, parecem ter medo de tocar nas folhas de seda. Ficamos discutindo por diversos dias sobre o dicionário. Com um exemplar da Constituição Brasileira (BRASIL, 2003) foi a mesma coisa. Direitos e deveres lidos pela primeira vez. Os capítulos mais procurados são os que falam sobre direitos trabalhistas e da educação.

A avaliação de desempenho é feita, diariamente, no processo de aprendizagem. A cada avanço, um novo desafio. A superação indica o desempenho.

Outro exemplo explica a relação do grupo, alfabetizado/alfabetizador. Alguns têm compromissos religiosos, em determinado dia e hora da semana, então faltam à aula e cumprem o seu compromisso. Não “levam” falta por isso. É interessante que quando chegam ao encontro no dia seguinte, estes já vêm com as discussões que foram feitas, atualizadas. Eu não cobro isso deles. Eles entendem que faz parte do compromisso assumido nos nossos encontros coletivos para o crescimento de todos.

Isto faz parte da manutenção saudável das nossas relações sociais. Reis (2000, p. 107) clareia isto dizendo:

Nesse sentido, ele não só internaliza as relações sociais. Ele também transforma e re-transforma as próprias relações, à medida que re-objetiva o que elabora ou re-elabora as relações em sua mente. Daí, uma possível ocorrência de uma simultaneidade do processo constitutivo no e com o sujeito, da e com as relações sociais. Em outras palavras, as relações sociais numa determinada época deixam de ser únicas dominantes e exclusivas, à medida que em sua necessidade e liberdade, algum ser humano, desencadeia relações sociais (práticas) em seu micro cotidiano, diferentes das relações sociais dominantes.

Entendo, literalmente, que a produção do conhecimento não está em livro nenhum. O educando produz o conhecimento naquilo que lhe atende, de acordo com sua necessidade. Um exemplo disso é que não ensino biologia e outras “disciplinas” dentro da estrutura fabricada em série com “livros” que a escola pública utiliza. Porém, os educandos e educadores discutem sobre o corpo humano, fauna e flora, o plantar, semear e colher em todos os sentidos da vida que está ao nosso redor. Aprendo com eles que não devo deixar o solo sem os nutrientes que ele precisa, por exemplo, a capina das pequenas ervas daninhas deve ser espalhada no solo, e não jogada fora como eu fazia e que o calcário é muito importante para equilíbrio do solo, além de agir na coloração das hortênsias que tenho plantado no meu jardim. Aprendo muitas coisas mais.

Revejo a prática de considerar nos educandos seu desenvolvimento e conhecimento acumulado todo tempo. Aprendo todos os dias. Sem estar alienado/condicionado, ele aprende e me ensina.

Considero que o melhor currículo a ser trabalhado em uma escola é o currículo da vida. As histórias de vida de cada Educanda(o)/Educador(a) formam o precioso currículo da Escola do Coração.

O Educando me conhece pelo nome e eu a ele. Estou sempre, na medida do possível, disponível para eles em todas as situações/problemas/desafios que lhes são apresentados. Quando sou procurada para ajudar, faço com eles os encaminhamentos necessários.

Mantenho sempre aberto o diálogo nas situações de tristeza e alegria em meu trabalho. Trago o marxista tcheco Karel Kosik (1976, p. 219) com a sua Dialética do Concreto, dizendo:

Os homens ingressam na situação dada independentemente da sua consciência e vontade, mas, tão logo “se acham” dentro da situação, a transformam. A situação dada não existe sem os homens, nem os homens sem a situação. Só nesta base se pode desenvolver a dialética entre a situação – que é dada para cada indivíduo, cada geração, cada época e classe – O Homem supera (transcende) originariamente a situação não com a sua consciência, as intenções e os projetos ideais, mas com a práxis.

Lá no Rodeador eu vivo a situação concreta da comunidade.

Vale lembrar que, com a iniciativa da Escola do Coração, pessoas da Igreja e da comunidade retornam à escola para concluir o ensino fundamental e médio, principalmente as mulheres. Entre estes, o colaborador/alfabetizador adulto Fernando (*in memoriam*), retornou à escola com aproximadamente 46 anos de idade na Educação de Jovens e Adultos. Concluiu o ensino médio (2006). Passou no vestibular (2007) e cursou Direito na Universidade Católica de Brasília onde se elegeu presidente do centro acadêmico daquela universidade, no 3º semestre. Fez do seu sonho uma realidade. E partiu nos deixando saudades (2009).

Nesse processo de alfabetização, estamos aprendendo uns com os outros. Estratégias de criatividade diária e ações contra rotina são pensadas coletivamente. O(a) alfabetizador(a) cumpre o seu papel com responsabilidade, compromisso e muito respeito pelos educandos.

A relação pedagógica na Escola do Coração é uma relação recíproca de amizade e ajuda mútua. Castoriadis traduzido por Córdova (2004, p. 101) ressalta que:

Alem disso, há outro aspecto a ressaltar na relação pedagógica, segundo Castoriadis: o de que a relação pedagógica, sem ser uma relação simétrica, é uma relação de reciprocidade. Uma criança ensina coisas a seus pais, os alunos podem ensinar uma porção de coisas a seus professores, coisa que não estão nos livros ou, quando lá estão, não estão com a força, a riqueza, a evidencia com que ocorrem nas relações das crianças. Castoriadis destaca, particularmente, o quanto elas, as crianças, podem ensinar sobre o funcionamento do espírito e da alma das crianças.

Diante da realidade do analfabetismo verificado nesta região, percebo que esse problema arrasta consigo o poder extremamente desumano do termo. Trava as pessoas em vários aspectos de suas vidas. Torna-as dependentes uma das outras física e moralmente. Provoca decepções e desânimo na luta diária na vida dos sujeitos, tornando-os sujeitos envergonhados e assujeitados de tudo e de todos.

Estamos aprendendo a identificar problemas, seja na alfabetização, ou na comunidade. A decisão da ação é imediata. A inserção e participação do grupo interessado na ação também. A visão dos sujeitos inseridos é a de contribuir à superação da situação/ problema/ desafio que se apresentam.

Desde o reconhecimento da realidade vivida na comunidade nos reunimos constantemente. Discutimos as estratégias e fazemos os encaminhamentos. Com isso, começa a superação do problema individual e coletivo, dentro de uma atitude responsiva de uns para com os outros. Conforme afirma Reis (2000, p. 135):

Torno-me humano pela mediação do outro, diz Vygotsky. O fantasma do outro me faz buscar minha autonomia, afirma Wallon (1986). Bakhtin defende que o sujeito se constitui na dialogia dialética que se estabelece entre o eu e o outro ou uns com os outros, na dimensão do nós coletivo, digo eu. Dialogia que tem por base a alteridade, a alternância entre sujeitos falantes, enraizada na realidade, na relação imediata com os enunciados do outro e na capacidade dos sujeitos suscitarem e desenvolverem reciprocamente uma atitude responsiva um com o outro e uns com e entre outros.

3.3 UM POUCO DE TEORIA

Vygotsky (apud REIS, 2000) diz que a minha humanização passa pela mediação do outro. O outro faz de mim sujeito autônomo, afirma Wallon. (apud REIS, (2000) fala que eu e o outro ou uns com os outros nos constituímos dialógica/dialeticamente. Respeitando a subjetividade de cada um, eu digo que neste enraizamento da práxis que vivemos nesta comunidade, juntamente com os educandos, estamos começando neste micro lócus de atuação a aprender juntos a construir o novo homem que nos fala Vygotsky (2004, p. 417): “Porque a nossa sociedade criará um homem novo [...]”.

Para o desenvolvimento do trabalho com a alfabetização e o trabalho da pesquisa é extremamente importante a experiência de fazer parte de grupos de discussões na universidade.

A troca de experiências vivenciadas por mim, entre pesquisadores (as) comprometidos com processos educativos/transformadores, cujo fio condutor é a postura democrática, o respeito ao outro, o saber ouvir e generosamente acolher, é fundamental nesse trabalho de pesquisa. É assim (em processo) que os procedimentos metodológicos dessa pesquisa são construídos.

Considero que, o sujeito se constitui na relação com o outro, ou seja, no seu convívio social família, igreja, escola, comunidade. Desse modo, o (a) educando(a), na escola, tem suas relações intermediadas pelos companheiros de sala e a professora que também é instrumento participativo no processo de dar significado às relações estabelecidas na sala de aula e o conhecimento. Reis (2000, p. 44) fundamenta o que digo quando afirma: “[...] Entre outras, a de que o sujeito se constitui na dialética das relações sociais”.

Por essa consideração, encontro também, nos estudos do aporte histórico cultural de Vygotsky, sustentação para esse trabalho.

Entendo, também, que Vygotsky é defensor de considerar a historicidade do sujeito em seu desenvolvimento humano. Fundamenta-se na perspectiva de Marx e Engels dentro da teoria marxista, conhecida como materialismo histórico e dialético, que tem papel dorsal no pensamento de Vygotsky. Pino (2000, p. 48) contribui dizendo que:

A questão da história é fundamental porque nos remete à matriz que constitui o contexto do pensamento de Vygotsky. " [...] História é entendida por Vygotsky de duas maneiras: em termos genéricos, significa" uma abordagem dialética geral das coisas"; em sentido restrito, significa" a história humana". " Distinção que ele completa com uma afirmação lapidar:" a primeira história é dialética; a segunda é materialismo histórico". Podemos afirmar então, com bastante segurança, que a nota que abre o "Manuscrito" define o lugar de onde Vygotsky fala e a matriz que lhe serve de referência nas suas análises: o materialismo histórico e dialético. Consideramos isto de suma importância, pois nos dá o perfil do autor como pensador da natureza humana, constituindo o núcleo duro da sua obra.

O Materialismo Dialético ensina que o objeto de estudo deve ser estudado historicamente. Leva em conta que o objeto que estudo deve ser estudado historicamente. Marx e Engels afirmam que "a premissa de toda história humana é a existência de indivíduos humanos viventes. Neste fato concreto se funda o materialismo histórico" (MARX; ENGELS, 2007, p. XXIV).

O processo histórico-cultural do sujeito deve ser considerado para efeito do estudo do desenvolvimento humano, pois o sujeito se constitui por meio da cultura, que vem incorporada às aprendizagens vivenciadas por este sujeito, no meio que ele está inserido. Consoante nos diz Vygotsky (2005, p. 63):

O pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala. Uma vez admitido o caráter histórico do pensamento verbal, devemos considerá-lo sujeito a todas as premissas do materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico na sociedade humana. Espera-se apenas que, neste nível, o desenvolvimento do comportamento seja regido essencialmente pelas leis gerais da evolução histórica da sociedade humana.

Este trabalho é desenvolvido na ação-reflexão-ação. A construção teórica da pesquisa consolida-se na fundamentação teórica-prática do aporte histórico-cultural. Nessa linha, a contribuição de Vygotsky (2004, p. 346) é relevante:

As mais complexas contradições da metodologia psicológica recaem sobre o terreno da prática, porque somente aí podem encontrar solução. Nesse terreno as discussões deixam de ser estéreis e chega-se a resultados. O método, ou seja, o caminho seguido é visto como um meio de cognição: mas o método é determinado em todos seus pontos pelo objetivo a que conduz. Por isso, a prática reestrutura toda a metodologia.

Portanto, considero que a investigação referente ao significado da repercussão que é dado pelos cinco alfabetizados da Escola do Coração e a presença destes no CEF11 está fundamentada pelos seus processos desenvolvidos na suas relações sociais e histórico-culturais. Assim diz Luria (1992 p. 48-49):

Influenciado por Marx, Vygotsky concluiu que as origens das formas superiores do comportamento consciente estavam nas relações sociais do indivíduo com o meio externo [...] Vygotsky gostava de chamar essa abordagem de psicologia "cultural", "instrumental", ou "histórica". Cada termo deste refletia uma característica diferente da nova abordagem que ele propôs para a psicologia. Cada qual enfatizava uma das facetas do mecanismo geral pelo qual a sociedade e a história social moldam a estrutura daquelas formas de atividades que distinguem o homem de outros animais.

O termo "instrumental" se referia à natureza basicamente mediada de todas as funções psicológicas complexas. [...]. O adulto, não se limita a responder aos estímulos apresentados por um pesquisador ou por seu ambiente natural; modifica ativamente esses estímulos, fazendo destas modificações um instrumento do próprio comportamento [...] O aspecto "cultural" da teoria de Vygotsky tinha a ver com os modos socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza as tarefas [...] Um dos instrumentos-chave inventados pela humanidade é a linguagem, e Vygotsky conferia à linguagem um lugar muito importante na organização e no desenvolvimento dos processos do pensamento.

O elemento “histórico” fundia-se ao cultural. As ferramentas usadas pelo homem para dominar seu meio ambiente e seu próprio comportamento não surgiram completamente prontas, da mente de Deus. Foram inventadas e aperfeiçoadas no curso da história social do homem.

Esta forma de pensar o homem histórico-cultural que Luria nos descreve acerca da teoria desenvolvida por Vygotsky vem de encontro a esta pesquisa pelo fato da mesma tratar com sujeitos humanos, e como tal a importância das relações sociais, da história de vida, da fala e da cultura em que estão inseridos estes sujeitos.

3.4 AINDA A METODOLOGIA

Assim posto, o referencial metodológico que embasa esta pesquisa vai ao encontro dos princípios da pesquisa-ação: uma metodologia de pesquisa voltada para a descrição de situações concretas e para intervenção-ação em função da resolução de problemas efetivamente detectados na coletividade considerada.

Thiollent (2008, p. 18-19) dá as seguintes características da pesquisa-ação:

a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas de ação concreta; c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; e) há durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; f) a pesquisa não se limita a uma forma e ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento ou “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

Ao que Thiollent coloca, podemos agregar as considerações de Barbier (2007, p. 71), particularmente sobre a natureza da participação na pesquisa-ação:

Não há pesquisa-ação sem participação. É preciso entender aqui o termo “participação” epistemologicamente em seu mais amplo sentido: nada se pode conhecer do que nos interessa (o mundo afetivo) sem que sejamos parte integrante, “actantes” na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional. É o reconhecimento de outrem como sujeito de desejo, de estratégia, de intencionalidade, de possibilidade solidária.

Com base nessas premissas da pesquisa-ação, desenvolvo uma relação amistosa e de confiabilidade buscando relação e diálogo com os sujeitos de pesquisa, de tal maneira que consiga me aproximar o máximo possível dos educandos em processo.

Uma das dimensões almejadas por este projeto de pesquisa é o de estimular micro ações de superação de desafios entre pessoas e suas comunidades.

Os instrumentos usados nesta pesquisa são: Entrevistas semi-estruturadas, encontros e conversas informais com os sujeitos de pesquisa. Os sujeitos da pesquisa são 5 alfabetizados, sendo que 4 estão dando continuidade a seus estudos na rede pública de ensino no CEF 11 de Taguatinga Norte.

CAPÍTULO 4 – OS SUJEITOS DA PESQUISA: HISTÓRIAS DE VIDA DE JAILTON, GILVANDO E AMARO

A história de vida apresentada neste trabalho me é relatada por três dos cinco educandos, sendo estes: Jailton, Gilvando e Amaro.

O educando João não gravou a história de vida, mas participou das entrevistas.

O educando Vandilson, depois da alfabetização, muda-se para a Bahia, e não participa das entrevistas gravadas para a coleta de dados. Os dados referentes a ele nessa pesquisa são referências feitas durante a coleta de dados, dos 4 educandos: Gilvando, Jailton, João e Amaro.

Foram necessários sete encontros com os 4 educandos para as gravações das entrevistas visando a coleta de dados. No primeiro encontro, explico aos educandos Jailton, João, Gilvando e Amaro que vamos precisar gravar e escrever suas histórias de vidas sintetizadas. Pergunto a eles: Seria fácil pra vocês escreverem pessoalmente suas histórias de vida? Explico-lhes: precisamos delas para descrever como se dá o nosso projeto de alfabetização no Rodeador. Eles respondem cada um concordando com o outro Jailton, João, Amaro, Gilvando: “Não, é difícil. Muito difícil!”.

Volto a falar-lhes: vamos fazer isto de forma bem simples, juntos como sempre é feito na Escola do Coração. Pergunto: vocês concordam? E todos respondem: “Concordamos”.

De acordo com isto, gravei os depoimentos dos educandos e passo a relatar o que me foi dito por cada um deles a respeito de suas experiências vividas.

4.1 JAILTON

Começo pelo educando Jailton:

Jailton Montalvão Lopes, nascido, aos 30 de Janeiro de 1974, em Palmas de Monte Alto – Bahia, Brasil. 34 anos. Casado, tem dois filhos. Jailton é filho de Evangelista Montalvão Lopes, dona de casa, e Sabino Cristo Lopes, agricultor, que

sempre trabalhou para terceiros. Hoje, é arrendatário de um pequeno pedaço de terra, onde planta lavoura de feijão e mandioca.

Toda a família é nascida e criada na região da cidade de Palmas de Monte Alto, Bahia, Brasil. Seus pais nunca saíram de lá. Jailton é o primogênito de um total de 9 filhos, todos homens.

Jailton conta que há escola no município e que ele a frequentou aos doze anos de idade, por mais ou menos 15 dias. Seu pai o tirou da escola por achar que não tinha “lucro”, pois, Jailton era mais “lucrativo”, ajudando no sustento da família. Jailton trabalha na lavoura desde 6 anos de idade.

“O seu olhar era diferente!” Assim se expressa Jailton sobre a visão do pai, quanto à educação dos filhos. Jailton se emociona com as lembranças da família. Tem um profundo respeito por todos.

Os dois irmãos seguintes também não frequentaram a escola. Com a ajuda dos três primeiros irmãos, os mais novos puderam se alfabetizar. Jailton não tem conhecimento de que algum deles tenha formação escolar. No momento, ele persegue esse sonho. Os seus irmãos trabalham todos em uma usina de cana de açúcar, na região do Estado de São Paulo. Noto, na sua fala, a emoção de falar com orgulho sobre seus irmãos. Ele diz que são sujeitos competentes e habilidosos. Foram treinados, pelo usineiro, para o manuseio de máquinas da mais alta tecnologia, na indústria da cana e do álcool. Sobre Valdemar, seu quarto irmão, diz Jailton: “É homem forte na usina, todos eles recebem bons salários”.

Jailton casa-se com Ana Paula em 1998, na Bahia, onde nasce sua primeira filha e, em Abril de 2000, vem para a cidade de Santo Antônio do Descoberto, GO entorno do DF, em busca de uma vida melhor. Lá chegando, trabalha na construção civil como ajudante. Aproximadamente 30 dias depois, manda buscar a esposa e a filha. Em Julho de 2000, muda-se com sua família para o Rodeador, onde trabalha como caseiro agricultor, tornando-se um excelente profissional. Nesta época é extremamente tímido.

4.2 AMARO

A seguir faço o relato do que me foi dito e gravado pelo educando Amaro Santos (nome fictício que adotei para preservá-lo).

Nascido em São Paulo no ano de 1970, Amaro Santos ainda conta com mãe viva, e pai morto. A lembrança que traz do pai é a de ter sido traficante de drogas toda a vida. O Pai nunca trabalhou, a vida do pai girava entre o tráfico e a cadeia. Amaro é criado pela mãe, que é alcoólatra, e pela avó paterna. Tem 6 irmãos, dos quais ele é o segundo filho. A relação familiar não é boa. A mãe trabalha como doméstica. Amaro e seus irmãos ficam trancados o dia todo. Um dos seus irmãos entre 9 e 10 anos de idade. Torna-se homicida. Esse mesmo irmão suicidou-se quando tinha entre 13 e 14 anos. “Tirou a sua vida, e desistiu de viver essa vida”. Com amargura, Amaro conta que ele também é homicida. O fato aconteceu quando era menor de idade, em briga com menores do tráfico.

Amaro vai à escola na idade certa, entre 7 e 8 anos de idade. A distância entre a escola e sua casa, mais a morte do pai por envolvimento no tráfico, são alguns dos fatores responsáveis por ter-se evadido da escola. Faz uma tentativa de trabalho, entre 15 e 16 anos de idade. Nessa época sua mãe fica grávida novamente. Diz Amaro: “Não tive representação de família”. Destaco esta fala do Amaro considerando que, para ele, a família não representa absolutamente nada na sua vida.

Amaro: “Mas trabalhar, mesmo, só começo depois dos 20 anos de idade”. Amaro diz que nem ele, nem seus irmãos foram estimulados pela família a trabalhar.

Amaro e seus cinco irmãos não estudam. Hoje ele não tem conhecimento do paradeiro de sua família, nem dos irmãos. Ele acha que alguns estão vivos e moram em São Paulo e Rio de Janeiro. Amaro casou-se uma vez, segundo ele por desobediência, e permaneceu casado por 5 meses. Está divorciado.

Antes de chegar ao Rodeador, andou por várias cidades do Brasil. De São Paulo para Paracatu, Minas Gerais, onde aprendeu a trabalhar com japoneses, na safra de café e frutas. Vai para Cristalina, a convite de um rapaz desconhecido, trabalhar com gado. Lá chegando, descobre que o rapaz é fugitivo da Papuda.¹⁹

Amaro conta que naquele tempo bebia muito. De Cristalina, desce para uma região próxima do Rodeador, denominada Radiobrás, por causa das torres de transmissão da empresa. Continua trabalhando com gado até chegar ao Rodeador, como caseiro. Começa a frequentar a Igreja Assembléia de Deus. Ao saber do

¹⁹ PAPUDA – Maior sistema prisional do DF. Leva o nome da antiga fazenda Papuda, terras onde se construiu o atual presídio.

projeto de alfabetização, inscreve-se e participa intensamente até se alfabetizar. Dá continuidade a seus estudos no CEF11, onde cursa a terceira série do ensino fundamental. Ele diz que hoje tem outra visão, e que dá valor à vida.

Amaro é um rapaz respeitador, muito educado e esforçado. Freqüenta a sua Igreja e a escola com compromisso. Mora sozinho, cuida da sua casa e de si mesmo com esmero. Trabalha com meus vizinhos, há alguns anos. É amigo da comunidade e tem um comportamento tido como exemplar.

4.3 GILVANDO

Começo a narrar o relato gravado de Gilvando.

Gilvando de Oliveira é o terceiro sujeito da pesquisa. Nascido aos 16 de Novembro de 1977, na cidade de Guarambi, no estado da Bahia. Tem, pois, 31 anos. Sua mãe, Maria de Oliveira Pereira Nunes, 48 anos, trabalha na Prefeitura da cidade de Guanambi. Seu pai Jovino de Oliveira Pereira Nunes, já foi vaqueiro; nunca estudou e, hoje, trabalha na roça, onde possui mais ou menos 20 hectares de terra. Gilvando possui 7 irmãos. Ele e o irmão Vandilson, quando crianças, estiveram na escola, mas não permaneceram nela. Motivo: trabalhar para o sustento da família.

Gilvando vem para Brasília para tentar uma vida melhor, aos 16 anos de idade. Morou com a avó em Santo Antônio do Descoberto – Goiás. Trabalha na construção civil como ajudante de pedreiro. No ano de 1994, vem furar poço na zona rural de Brazlândia, no Rodeador. Conhece os moradores da comunidade que começavam a construir suas casas nessa época. Torna-se caseiro na região, passando 6 anos e meio na primeira casa. Muda de emprego, onde fica durante 2 anos, para depois substituir o irmão Vandilson, na casa em que este trabalhava. Vandilson volta para a cidade natal, Guanambi, na Bahia.

Gilvando participa ativamente do processo da formação do grupo de alfabetização na igreja e comunidade, desde o começo. Com 6 meses de alfabetizado, tira a carteira nacional de habilitação (CNH). Faz a prova escrita 2 vezes e passa da 1ª vez na prova de direção. Torna-se, assim, exemplo de superação para os demais. Hoje, possui a carteira de motociclista. Deseja mudar de emprego para moto-boy.

Está regularmente matriculado no CEF 11, na 3ª série do ensino fundamental, continuando seus estudos. Incentiva sua esposa a voltar à escola. Ela está matriculada na 7ª série do ensino fundamental, no Centro de Ensino de Taguatinga Norte. Juntos vão à escola no período noturno. Gilvando é um sujeito esforçado e trabalhador muito querido na comunidade.

4.4 AS FALAS E O SENTIDO DAS FALAS: UM DIÁLOGO AMOROSO

Ao analisar os dados apresentados neste trabalho para demonstração dos possíveis resultados da proposta de Investigar a repercussão da alfabetização em educandos do movimento popular do Rodeador, escolho fazê-lo no coletivo, misturando a minha voz, as vozes dos educandos envolvidos no processo.

O meu primeiro contato com os sujeitos da pesquisa se dá no convívio da pequena igreja protestante da comunidade, onde ainda nem todos eles participavam. Naquela época (2004), os trabalhadores da região sentavam de um lado e os “patrões” do outro. Eu achava esquisito aquele comportamento. Falávamos uns com os outros, somente o necessário.

Hoje, a realidade da comunidade mudou totalmente. Somos uma comunidade que se reúne, sem distinção. Reis (2000, p. 135) aponta o seguinte:

[...] O homem é produtor social da vida, conforme diz Marx. Daí, essas relações sociais, estarem marcadas por relações entre sujeitos e com sujeitos, que dentro dessas relações se transformam e transformaram uns aos outros.

Não posso afirmar que o processo da alfabetização, por si só, tenha mudado este quadro, mas tem a sua parcela de contribuição, pois na alfabetização construímos laços de amizade. Com esta relação vem o vínculo amoroso-afetivo, no qual se ancora o sentimento e exercitação de um acolhimento mútuo dentro da comunidade.

A partir de agora, trago para o texto as falas dos educandos, onde é possível analisar as prováveis repercussões em suas vidas e modo de pensar. Nossos encontros são sempre dialético-dialógicos, em algumas vezes Gilvando, Amaro, Jailton e João respondem perguntas feitas por mim. Em outras conversamos juntos.

Matriculados no CEF11, os Educandos reconhecem e exercitam seus direitos.

Observo que Jailton, Amaro e Gilvando tomam a iniciativa de defender o seu direito de aprender o conteúdo que está sendo ensinado no CEF11.

Isto fica claro quando a professora de matemática do CEF11, ao ensinar o conteúdo sobre decomposição de números, insiste que a ordem é unidade e centena.

Essa forma não bate com o que eles aprenderam na Escola do Coração e eles discutem o processo com a professora. Eles não vêem a correlação do que está sendo ensinado no CEF11 com o conteúdo já aprendido. Isto gera a discussão com a professora, conforme a constatação de Amaro: “A professora estava ensinando de uma maneira..., é... estava ensinando de outro jeito... diferente do aprendido na Escola do Coração, que a decomposição dos números é unidade, dezena, centena.”

Pergunto a eles: E o que vocês fizeram para resolver isto?

Amaro responde: “Ela falava só da unidade e centena e nós (*sic*) tinha aprendido a decomposição de 3 números, unidade, dezena, centena...”

Em várias situações onde são desafiados à superação de seus problemas, eles são decididos. Decidem o que fazer, e como fazer. Na discussão dialógica com a professora, deixam isso transparecer. Como se pode ver na seguinte fala de Gilvando:

Gilvando: “Ai nós pegamos o livrinho de matemática, eu e uns amigos meus, e conversamos com ela, ai ela foi e explicou da maneira que vocês explicaram. Aí, assim... a gente ter que ser esperto, porque o professor tenta enrolar a gente. Eu não posso ficar com isto aqui na cabeça sem entender. Ela tentou, tentou e tentou mais ela se explicou e a gente entendeu”.

Eles foram levados ao enfrentamento e a superação do problema ocorrido entre eles e a professora. A situação/ problema é o modo de ensino dela: Eles afirmam que ela não tem paciência e não aceita perguntas de esclarecimento em aula. Os três querem que a professora tente acompanhar o ritmo de aprendizagem deles e de toda a turma.

Percebo, na atitude de Gilvando e colegas, uma negociação com a professora. Não ficam intimidados. Pelo contrário, buscam junto a ela a compreensão do conteúdo. Entretanto, neste percurso, mostram que a atitude da professora é inicialmente de resistência, mas depois de aceite a proposta deles.

O relato de Jailton, Amaro e Gilvando mostram a iniciativa deles e de seus colegas, que além de buscar a solução e compreensão do conteúdo da matemática, entendem que devem se posicionar diante dessa situação/problema/desafio, exercitando o aprendizado e suas autonomias. Esse aprendizado parece dar-se de maneira dialógica dialética entre eles e a professora.

Percebo, na participação durante o processo de alfabetização que contribuo com a ação constitutiva desses sujeitos, que passam a tomar iniciativas exercitadoras de seu processo de autonomia. O meu desejo é o de poder contribuir com uma educação diferente, que seja capaz de colaborar com o homem na indispensável organização reflexiva de seu pensamento, como afirma Freire (1977).

Em conversa com os Educandos, noto uma certa preocupação deles, quanto à correria e pressão dos professores da rede pública de ensino, no sentido de se obter uma aprendizagem acelerada dos educandos. Posso afirmar, como aluna oriunda da Educação de Jovens e Adultos, que é bastante comum na rede pública de ensino, período noturno, alguns professores exercerem outro tipo de atividade, ficando a Educação de Jovens e Adultos apenas como “um bico” para aumentar a renda.

Pelo fato exposto acima, pergunto aos educandos: Vocês acham que os professores hoje inseridos na educação de jovens e adultos, que às vezes exercem outras funções em outros empregos são um problema à aprendizagem dos educandos, isto é, complicam, ao invés de facilitar?

Gilvando responde: “Eu acho D. Nirce, eu acho. Assim... Tem uma professora lá que essa é difícil. Já quer que a gente aprendeu, entendeu, como é que é em uma só explicação, então, por exemplo, o Jailton com ela, tem hora que faz dó. Ela é do tipo assim... é 30 minutos de explicação”.

Pergunto eu: É só ela falando? Gilvando: “É, aí já passa o exercício no quadro, já pra gente responder. E aí a gente vai perguntar alguma coisa ela, ela fala: Não, isso aí eu já ensinei. Então, segundo ela, não pode perder tempo de tá ensinando aquela mesma coisa, muitas vezes e tal e tal... e nem todo mundo pega aquilo ali. Aí é o seguinte: quem aprendeu, aprendeu. Quem não aprendeu já vai pra um próximo assunto”.

Esta situação apresentada pelos educandos, sobre as atitudes de algumas professoras (es) da rede pública de ensino do Distrito Federal, atuantes na Educação de Jovens e Adultos, parece indicar que alguns dos problemas existentes,

nesta modalidade de ensino passa, sem dúvida, pela falta de uma qualificação específica do professor da Educação de Jovens e Adultos e também a questão da dedicação exclusiva, visto que ensinar adultos não é a mesma coisa que ensinar crianças.

Jailton se manifesta dizendo: “O aluno foi sufocado. Tem uma menina lá que parou de ir. Por causa dessa professora deste ano, por esta professora ser carrancuda, linha dura, a menina deu até pra tremer. A menina ficou com aquela impressão dela”.

Gilvando entra na conversa e fala: “Não tomando as palavras do Jailton, a professora anterior era muito assim... sabe acolhedora, muito tranqüila mesmo. Eles acostumou com aquela professora ali, e acharam que todos os professores pela frente, ia ser igual a de antes. E foi totalmente diferente. Ai pegou uma professora linha dura, outro estilo, não agüentou... muitos amarelaram”.

Preocupo-me em esclarecer e pergunto: saíram da escola?

Jailton completa: “É... Aí que procurei aprender com os colegas, enfim tem que se virar. E ela essa aí é difícil... Agora tem mais dois professores que são legal, tem paciência, eles explicam. O professor de Ciências, mesmo é um. Graças a Deus, até agora, o relacionamento nosso com o professor é legal”.

Professor não acolhedor, como mostra o relato dos educandos, deixam sua marca nos educandos, assim como os professores acolhedores são também reconhecidos por eles.

Gilvando continua falando sobre a conduta do professor em sala de aula: “São poucos professores da rede pública, são poucos... no CEF11 tem lá umas 4 ou 5 professoras que ensinam assim, de verdade. Direitinho, e a pessoa tá com duvida. Já outros professores, a gente sente que eles querem ensinar mesmo. Se a pessoa tem dificuldade, ela fala várias vezes, ela tem o compromisso de ensinar. Mas tem outros que não.

Amaro e Jailton concordam com Gilvando e seguem o assunto: “Mas essa professora de Português...” (Já citada acima).

Gilvando continua: “O que eles tentam passar para os alunos é exatamente assim... É o seguinte: é que eles não estão lá pra ficar batendo na mesma tecla. Eles não explicam, entendeu?”.

Amaro, Jailton e Gilvando mantêm a conversa. “Já vimos lá, alunos perguntarem ao professor, isto assim, assim (duvidas sobre conteúdo) e professores responderem: aqui quem pergunta sou eu”.

Pergunto: E como foram os professores no ano passado?

Gilvando: “Não, a gente pegou uma professora na 1ª série que foi legal. E a da 2ª série também. Mas essa de agora... Essa é difícil”.

Amaro comenta: “Mas tem aluno lá que é só encrenca com o professor. É uma guerra”.

O direito do ser humano de querer sonhar para si uma vida melhor por meio da educação deve ser incentivado pelo professor. Ensinar adultos requer uma especificidade, pois eles trazem consigo a sua história de vida, acompanhada de um tipo de conhecimento acumulado que precisa ser compreendido e considerado no processo escolar. Com isto, quero dizer que amorosidade, a afetividade e acolhimento são alguns elementos humanos essenciais a serem desenvolvidos nos profissionais que escolhem o caminho da pedagogia e, dentro dela, o ensino de adultos. Isto deve fazer parte do nosso compromisso como educadores e nos fazer refletir sobre cada ação em que estivermos inseridos. Reis (2000, p. 136) fala-nos sobre o conceito de amorosidade a que me refiro neste trabalho:

É o que chamo de amorosidade: o desenvolvimento dessa capacidade de escutar/ouvir/pensando o outro e falar/ pensando, levando em conta o outro que ouve/escuta. Talvez, a motivação, os desejos, necessidades, interesses e emoções que estão por trás das palavras e do pensamento que se expressam através delas. Não é a palavra que escuto. É um ser humano, que me traz o conjunto de sua vida e que me permeando com seu saber, poder, sentir, me faz desenvolver, e ao atuar responsivamente, também o permeio com meu saber, poder, sentir e ele também se desenvolve. Troca. Intercambio resultantes. Movimento prático dialético de um desenvolvimento em espiral.

Gilvando faz comparações entre profissionais e escolas: “A diretora do CEF 11 só aparece lá uma vez no semestre. Só manda a vice, a vice é que trabalha. Diferente da diretora do Rodeador.

Diante deste comentário de Gilvando durante a nossa conversa, argumento: em 2009, a nossa luta vai ser para a abertura da escola do Rodeador. Noturno, com Educação de Jovens e Adultos. A conquista da abertura do período noturno no CEF Rodeador vai facilitar para toda a comunidade.

Pergunto a eles: o que vocês acham?

Amaro, Jailton, Gilvando e João, que neste momento entra na conversa, concordam. E Gilvando conclui dizendo: “temos que fazer isto mesmo, esta escola aberta vai facilitar muito”.

Torno a perguntar: vocês se lembram da época da alfabetização aqui na Escola do Coração, tem alguma diferença?

Jailton, Gilvando, Amaro João balançam a cabeça confirmando um sim e Jailton toma a palavra: “muita diferença, totalmente diferente, não tem nem comparação. Aqui (na Escola do Coração) a gente tinha muito mais facilidade de aprender, do que no colégio (CEF11) hoje. Aqui a gente aprendia com bastante facilidade. Eu, (Gilvando) saí daqui sabendo aquelas centena de milhar, dezena de milhar, de matemática. Eu (Amaro) sai daqui bem. Hoje eu to recordando de novo, porque lá eu não tenho a facilidade que eu tive aqui de aprender. Aqui era bem mais...”.

Fico surpresa e quero saber: O que tinha de diferente aqui?

Gilvando responde: “o ensinamento, a tranquilidade de ensinar e repassar de novo. A diferença, pra mim, é o ensinamento mesmo. Facilidade de ensinar mesmo. Pra mim é assim, porque lá é mais complicado, pode ter certeza”.

Eu sei que a história da educação de jovens e adultos dentro do movimento popular do DF é, predominantemente, marcada pela diferença da mesma modalidade de educação oferecida na rede pública de ensino. Posso dizer que o Movimento Popular reconhecido do DF faz diferente. Caminha na contradição e é comprometido com educação de qualidade em todos os segmentos, não deixando de reconhecer que sempre haverá joio nascendo no meio do trigo. Cito três das inúmeras instituições que trabalham em prol da educação no DF, por ser testemunha pessoal das suas atividades.

O Fórum EJA – DF dá suporte ao movimento popular e rede pública, aos educandos e educadores, trabalhando coletivamente dentro e fora da Universidade.

O GENPEX – Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (crianças, jovens, adultos e idosos), na Universidade de Brasília. Atua na cidade do Paranoá, DF, desde a fundação da cidade (REIS, 2000).

O CEDEP – Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá/DF foi fundado na parceria Comunidade/Universidade de Brasília, em 1987.

Participar, contribuir e receber a contribuição destes grupos que desenvolvem a práxis do conhecimento acadêmico, na educação, faz toda a diferença na minha prática educativa de alfabetizar jovens e adultos e abre a minha compreensão sobre os desafios a serem superados nesta área. Em conversas do grupo, os educandos fazem referências à aceleração do ensino na escola pública. Então, eu pergunto a eles:

Como o tempo corre para vocês, nessa outra escola (CEF 11)?

Gilvando fala: “O tempo corre, e quem ta ensinando não tem paciência. Eles marcam o tempo de trabalho. Na rede pública é assim...”. Jailton, Amaro e João concordam.

Uma educação diferente desta apresentada na rede pública é a experiência cotidiana vivida por mim, nos diversos grupos que participo na Universidade. Os educandos da graduação e pós-graduação inserem-se por escolha própria nos vários projetos em ação dentro do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, do movimento popular ou não, sendo esta prática bastante útil para os futuros pedagogos/educadores mestres e doutores.

A intervenção e os encaminhamentos das situações/problemas e desafios diários que acontece com o acompanhamento dos projetos em que estou inserida, fazem-me refletir sobre o aprender/ensinar durante todo o tempo. Esta relação de ensino/aprendizagem, num contexto prático na Universidade, forja e forma a minha ética e o meu jeito de ser educadora, com respeito à Educação de Jovens e Adultos que desenvolvo com as (os) educandas (os) com as (os) quais convivo.

A fundamentação do que falo, faço-o por meio desta citação do texto básico do GENPEX:

A Universidade é um “lócus” do processo formativo, da produção do saber e do exercício do poder, em função ou não da manutenção do “status quo”. O processo formativo de desenvolvimento humano é de produção de um novo saber e de uma nova relação de aprendizagem. Esse é caracterizado pela contribuição à transformação das relações sociais de classe, no embate de forças que constituem estas relações. Ignorar isso é uma ingenuidade (GENPEX, 2007, p. 6).

Retomando a conversa com os Educandos. Eu quero saber de cada um de vocês, lá no início da alfabetização (2005) qual foi a primeira impressão que vocês tiveram daquela sala de aula na Igreja, arrumada com aquele coração vermelho enorme e vocês, homens adultos, sentados ao redor. O que vocês acham deste negócio de Escola do Coração?

Antes de responderem eu relembro a eles um fato ocorrido nos primeiros dias da alfabetização, em que um deles me apareceu com uma história de eu ter que comprar umas cadeiras escolares para nos termos uma escola de verdade.

Refaço a pergunta com mais perguntas a eles: quem foi? Como foi esta história? Vocês se lembram disto?

Amaro prontamente responde: “fui eu, fui eu”. “E me explica o ocorrido.” “É que tinha ali um sujeito que tinha uma faculdade que fechou, e ele tava vendendo as cadeiras...”.

Eu continuo provocando ele: ai você chegou lá na Igreja onde se iniciou a alfabetização, e achou que tínhamos que comprar as cadeiras, para tornarmos a Escola do Coração, uma escola de verdade. Risos...

Pergunto a ele: O que é uma escola de verdade para você Amaro?

“Assim... agora eu tenho as duas visões, a daquele tempo e a de hoje. Naquele tempo eu tava aprendendo coisas que dentro de casa eu não aprendia... tava parado ali, um rádio, TV, e só serviço, serviço e não tava aprendendo nada. Ali era a mesma coisa de uma criança boba. Uma criança assim... Agora, dentro do colégio, ali na Escola do Coração, posso dizer que é um colégio, eu tava aprendendo, abrindo a mente. Se você não lê, não escreve, não tem uma pessoa te orientando, falando você errou ou acertou. Porque tem professores que vai na calma, é igual uma mãe... Porque no colégio, onde a pessoa aprende, é igual uma mãe que tá educando... é a mesma coisa que uma criança... Aluno quando toma a direção pra aprender é como uma criança. Porque ele não sabe de nada.”

Volto a perguntar: Amaro, qual foi a sua verdadeira impressão, quando você chegou à alfabetização e não viu aquelas mesinhas ou cadeiras uma atrás da outra, e aquele coraçãozinho vermelho lá?

Amaro faz uma cara de repulsa e responde: “Eita...! Eu só pensei, que ali... o modo que eu tava sendo tratado ali... pelo incentivo das pessoas que tava ensinando. Eu lembrava... eu lembrava é claro, dizer que não lembrava do colégio... eu achei uma diferença muito grande... muito grande... ali um coração com as cadeiras diferente... eu achei, mas eu vi que eu tava aprendendo... porque lá, como eu posso dizer, é outra diferença... Porque as coisas não são iguais porque olha aqui”, Amaro mostra as mãos e continua falando: “esta aqui é diferente da outra. Então, a partir do momento que eu fui colocar na consciência, eu vi que ali eu tinha um futuro.”

Começo a relembrar da época (2005) e argumento com o Jailton, você estava junto na construção do coração, era você, o Genildo marceneiro, que estava sumido da comunidade e que reapareceu bem naquele dia. O João Victor meu filho, o jovem Edilson e eu.

Pergunto ao Jailton: Qual foi a impressão que você teve?

Jailton fala: “tava... tava... o coração tinha uns três metros mais ou menos, depois de pronto. A porta de entrada tinha dois metros e dez centímetros. Não entrava. Chamamos o Hilário pedreiro, ele abriu um buraco de uns trinta centímetros de largura do telhado ao chão, e o coração entrou. Colocamos uns cavaletes de ferro nele, que o Vandilson Fez”. Eu comento depois da fala dele: Lá tudo foi construído por nós, educandos e educadora.

Eu faço uma pergunta ao João: E você, João, chegou lá e encontrou o coração. Como é que foi? Ele responde:

“Eu achei assim... a escola tem a mesa de coração, achei diferente das outras... é diferente porque na escola é um atrás do outro do outro, e lá é tudo ao redor assim...”.

Provoco-os, simulando uma situação de um sentado atrás do outro na ocasião desta entrevista, e perguntei a eles o que eles achavam. Amaro responde, brincando com João: “passando da hora de você cortar o cabelo...” João, com uma expressão séria diz: “... é difícil... tem uma diferença muito grande”.

Jailton faz uma observação importante: “Em volta, nós olhamos um para a cara do outro, ficamos unidos... Pra mim, a Escola do Coração foi diferente porque, do jeito que eu era, se eu saísse daqui direto pra escola, eu tinha me perdido todo, me bloqueado mais, não tinha conseguido aprender, porque aqui teve pessoas que teve paciência de me ensinar, e trabalhar em cima das minhas dificuldades, que eu tinha pra aprender. E lá as professoras iam se preocupar? Elas iam encher a lousa de lá, e eu ia me perder. Ia sair frustrado. Então pra mim, a Escola do Coração foi diferente, diferente assim... pra minha vida. Se eu saísse direto pra uma sala de aula com 20, 30 alunos, eu acho que teria perdido”.

Eu sei que o Projeto Escola do Coração nasce na espontaneidade de apenas suprir a necessidade de alfabetização básica de sujeitos que dela necessitavam.

E a idéia de fazer o coração, que serve como base da mesa única da escola, tem como propósito reunir em volta, trazer a proximidade uns dos outros. Trata-se de sujeitos que estão separados por classe social dentro da comunidade. E a idéia é

de se ter, dentro do espaço da escola, a atitude e o sentimento do nivelamento de ser todos iguais como seres humanos que somos. Nunca foi intenção minha manter um espaço de educação fisicamente diferente. Mas existe a intenção de realmente ser diferente. E a marca desta diferença é manifestada na sensibilidade, no acolhimento e amorosidade ao outro.

Nunca pensei que os momentos vivo-vividos com os educandos da Escola do Coração trouxessem, a mim, a explosão de conhecimentos que vivo. É nesta verdadeira universidade e diversidade de conhecimentos que me reconheço como pesquisadora/pesquisada neste momento. O nosso desenvolvimento humano é visível.

É possível que o processo de aprendizagem dos educandos egressos da Escola do Coração seja, aparentemente, lento. Mas o desenvolvimento humano histórico-cultural destes sujeitos é consideravelmente rápido, visto que o processo histórico de cada um, considero eu, esteve apenas adormecido. Eles acordam. Percebem-se. Sentem-se donos de si.

Neste momento em que são acolhidos na Escola do Coração, e ali estimulados, se sentem seguros. Juntos, eles descobrem que podem tudo o que querem. Aí se manifesta o que Jailton chama de “salto olímpico” e acontece o que traduz as palavras de Vygotsky (2004): “O salto do reino da necessidade ao reino da liberdade”. É impossível negar o desenvolvimento humano e histórico que hoje é transparente em cada um deles.

Pergunto ao Jailton, mesmo eu tendo a percepção da transformação que ele aparenta ter sofrido. Quero ouvir ele para confirmar ou não a minha percepção.

Você acha que sua vida mudou, depois da alfabetização na Escola do Coração?

Jailton fica sério e responde: “Muito. A minha vida mudou muito! A minha vida hoje é totalmente clara, é ampla. Hoje minha vida é totalmente diferente daquela”.

Eu vejo a emoção do Jailton neste momento, ele chora. Ao falar do antes e agora na sua vida. E eu, choro também.

Este sujeito outrora mudo e de cabeça baixa que conheci, agora em estado de transformação, alcança o meu coração.

Começo pelo João e quero saber dele se ele é sempre tão calado. Ele tem essa característica, fala só o necessário, mas quando está no nosso meio se solta.

Pergunto a ele: Você fala pouco João, é sempre assim, desde a infância? João responde: “era”.

Pergunto a ele: mas falava pouco só aqui, e na igreja, na escola, em casa como era? “Falava pouco também. Sozinho né... (ele mora sozinho) eu ligo o som lá eu começo a cantar”.

Pergunto novamente: E hoje, você acha que tem diferença, depois da alfabetização e da convivência com seus amigos?

João fala: “Tem”. É mesmo... É bem assim... Eu não sabia falar direito... Aí falava pouco.

Pergunto ao João sobre família, quantos irmãos vocês são?

João responde: “vivos têm cinco”.

Volto a perguntar: vocês moravam sempre juntos?

João: “sim”.

Novamente eu indago: e a relação com os irmãos, sempre foi boa?

João: “Foi boa”.

Brinco com ele: mas eram todos caladinhos, e você era dos mais caladinhos?

João: “Alguns falavam mais, outros eram caladinhos como eu”.

Incluo o Jailton no assunto, perguntando:

Você era muito calado, antes da alfabetização, me lembro que você nem olhava no rosto da gente, explica isto?

Jailton explica: “Era mesmo muito calado”.

Eu insisto: Jailton, você era silencioso desde pequeno?

Jailton fala: “desde pequeno era muito quieto assim... eu não falava com ninguém, eu vim me abrir mesmo com as pessoas depois da alfabetização, aqui na Escola do Coração. Ai foi que eu vim me abrir”.

Chamo o Amaro para a conversa e pergunto a ele:

E você Amaro, que também era silencioso? Me fala sobre isto.

“Era”, mas era levado... hum...”

Amaro desabafa: “O Alfabetismo foi muito bom pra mim. Porque eu não sabia de nada”.

Falo com Amaro em tom de surpresa: sabe que eu achava que você sabia de tudo, Amaro? Você tinha uma pose de quem sabia de tudo Amaro, não era Jailton? Parecia que ele sabia de tudo. Risos de todos...!

Entramos no assunto sobre as dificuldades que tem a pessoa não alfabetizada para se locomover, pegar ônibus, ter autonomia de ir e vir onde e quando quiser. O Jailton nos fala dessa época em sua vida, e conta que não saía sem a sua esposa estar junto.

Confirmo isto com ele: Quer dizer que toda vez que você tinha que ir a Taguatinga, sua esposa tinha que ir junto?

Jailton responde-me: “Era assim... porque eu tinha aquele fator de depender muito dos outros pra tudo. A gente saía pra pegar um ônibus e tal, antigamente pra mim ir em Taguatinga, se a minha mulher não fosse... porque daqui era fácil, só tinha um ônibus do Joaquim.. e era azul..., mais lá no Taguacenter tinha vários... complicava... o fato de eu não saber ler.”

Pergunto de novo: Senão fosse assim você não saía de casa?

Jailton: “não saía”.

Eu quis saber: Você tinha medo?

Jailton: “Medo de sair não tinha, mas eu tinha medo de sair, pagar ônibus errado, ir parar em outro lugar e me perder. Eu sempre precisava dela. E aí com a alfabetização a coisa foi melhorando? Jailton:” Com a alfabetização melhorou tudo pra mim. Hoje eu saio de casa pra qualquer lugar.

Pergunto ao Jailton: no projeto ainda se alfabetizando, quando foi que você saiu sozinho? Você se lembra?

Jailton explica-me: “Não... não me lembro. Mas eu me lembro, que uma vez eu tava ali na parada, de ônibus, eu me lembro que o Fernando (Alfabetizador) ele tinha falado pra mim, tem uma palavra, você junta as palavras, que ela forma uma frase, então ali na parada tinha uma placa, aí eu vi lá, eu me esqueci que lugar que era... era um lugar lá em baixo... siti... aráiso, não sei...”.

Sítio Paraíso, tinha uma placa indicando o Sítio Paraíso, que é perto daqui.

Jailton continua falando: “aí eu peguei, juntei aquilo e li, formou (a frase) e deu certinho, certinho a palavra, aí que eu vi que eu sabia ler”.

Pergunto sobre antes de chegar a Brasília: E lá na Bahia, como era para sair?

Jailton fala: “Lá eu conhecia a região e a coisa era mais fácil. Lá não tinha ônibus. Ia pra pista e pegava um carro aberto qualquer. Hoje já não pode andar em carro aberto lá. Naquele tempo pegava o carro, descia naquele ponto. Conhecia a região, fui criado lá. Não tinha problema. Os problemas vieram aparecer aqui em Brasília, aí eu vi que tinha necessidade de procurar uma escola”.

Risos de todos ... Expresso-me: É bom demais! E pergunto: aí você começou também a falar em público?

Jailton “Comecei a falar em público, melhorou tudo na minha vida. Ai foi um salto olímpico”.

Pergunto admirada com a expressão usada por ele: Foi o que?

Ele responde: “Um salto olímpico”.

Explico eu: No momento das entrevistas, o país vivia a euforia das Olimpíadas de Pequim, 2008.

Ver e ouvir o Jailton se expressar de forma tão livre, leve e solta, emociona-me. Pensar neste sujeito de algum tempo atrás, sempre de cabeça baixa, concordante, de enxada em punho, sem perspectiva aparentemente nenhuma. E hoje com esta dialogia-dialética bakhtiniana, ele vai se constituindo, constituindo o outro e é constituído pelo outro. Posso dizer que: Todo ser humano é uma possibilidade. Parafraseando Bakhtin quando diz: “Eu mesmo sou a condição de possibilidade de minha vida” (BAKHTIN, 2003, p. 97) Jailton está sinalizando o seu desenvolvimento e a sua constituição.

Amaro começa a falar:

Amaro: “Eu não sabia de nada, de nada. A minha coisa aqui era só Brazlândia, que eu conhecia, desde a primeira vez que eu morei em Brazlândia, e a cidade era pequenininha, e foi crescendo, e tem certos lugares que eu não entro, por falta de conhecer ainda. Cresceu né... aí este estudo pra mim abriu, muito a minha mente e aprendi muita coisa porque eu não sabia. Eu também já cheguei a um ponto de querer ir a Ceilândia, e ficava com medo. Porque eu não sabia ler e com medo de me perder. Teve um momento... aconteceu uma vez que eu fui, até que o Antônio (Patrão dele) falou você vai em Ceilândia, e desce no centro. Quando me vi no centro de Ceilândia, o movimento me confunde... pergunto pra um e outro, me ensinam errado. Pela minha intuição vi que era errado, pois tinha chegado do outro lado. Quanto me vi perdido. Sentei num banco e, fui me comunicando (pelo celular) com o Antônio, que me achou”.

Pergunto ao Amaro: hoje você sai para todos os lugares?

Amaro: “Não saio porque, eu pra ser sincero eu... gosto mais de ficar em casa”.

Insisto com ele: mas se você tem necessidade de ir à Taguatinga, você vai tranquilo?

Amaro: “Agora vou, pego ônibus direitinho. É verdade que eu não conheço ainda todos os ônibus. E os caminhos que eles fazem”.

Argumento com ele: até comigo acontece isto. Não é uma questão de saber ler ou não. Por não estar acostumada a pegar ônibus, não conheço o itinerário, ou seja, o caminho dos mesmos. Isto demonstra a nossa igualdade de condições. Eu não conheço o itinerário, vocês também não. Mas todos sabem o ônibus que devem pegar, porque sabemos ler a indicação de localidade que eles trazem a vista.

Jailton quer falar: “Eu já sei, tanto é que eu vou pra Taguá Sul (modo carinhoso de referir-se a Taguatinga Sul). Pego o ônibus estádio Serejinho, vou no DETRAN (Departamento de Trânsito), faço provas, venho para o Rodeador, tranqüilo e não procuro nada pra ninguém” (não pergunta nada pra ninguém, não tem mais duvidas).

Sinto o Jailton livre na sua forma de falar e pergunto: Jailton repete ai?

Ele repete tranqüilo: “é isso aí, não procuro nada pra ninguém não, vejo lá Estádio Cerejo, é o caminho que eu quero”.

Pergunto ao João se ele tem algo a falar: E você, João, tem história pra contar sobre isto?

João: “não, não tenho não”.

Converso com ele. Com você não tem problema de sair e aproveito para perguntar: Você já tinha estado na escola antes de estar aqui na Escola do Coração, qual era a série mesmo?

João: “eu parei na primeira”.

Novamente eu: porque você desanimou, João?

João: “Eu não sei se a senhora conheceu o Ricardo, ele ia comprar um fusquinha pra ir pro colégio, ele tinha uma vizinha merendeira que arrumou vaga pra ele, e ele perguntou se eu também queria. Eu disse vamos lá. Eu gostei de estudar lá (em Brazlândia, antes da Escola do Coração, fato ocorrido em 2002) fiquei lá seis meses. Ai ele comprou uma Kombi. Quando não ia de fusca, ia de Kombi. Ai ele disse que estava gastando muito, e não sei o que... E foi e parou”.

Peço explicações ao João: quer dizer, você pode me explicar, quando os meninos foram pra Brazlândia, para o (Espaço 35²⁰).

Pergunto a ele: você estava junto? João: “eu estava junto”.

Começo a falar de um processo difícil que eles viveram depois da alfabetização e antes da escola pública. Porque eu me lembro de você com eles no ano de 2006, naquela experiência fatídica, onde vocês perderam um ano inteiro e dinheiro por causa da promessa de certificação do projeto espaço 35 de Brazlândia, que não certificou coisa nenhuma. Como foi o combinado, João me fala como vocês resolveram a questão do transporte para irem a Brazlândia, quem tinha o carro?

João, Jailton, Amaro respondem: “O Vandilson”

Pergunto a eles? Ele chamou vocês ou vocês chamaram ele? Como foi a negociação do transporte, porque o nosso grande problema sempre era o transporte.

Jailton explica: “Ele já tinha o carro, ele também queria estudar, aí nós combinou com ele, e ele fez este transporte aí”.

Pergunto: Vocês pagariam quanto?

Jailton diz: “sessenta reais”.

Eu questiono com eles: Isto no ano de 2006, vocês pagavam sessenta reais por mês, cada um, para ir três vezes por semana no espaço 35?

Amaro comenta meio receoso: “bem no começo, o projeto deu passe escolar, como era combinado. Mas depois cortou”.

Amaro, João, Jailton confirmam: “Deram só nos primeiros dias, durante dois meses, mesmo assim faltando passes. A gente ia procurar e eles não davam. A gente viu que eles não tavam a fim, e a gente largou pra lá”.

Faço o seguinte comentário: É como vocês dizem: “não desistir nunca”.

Eu, tal como vocês, também fiquei decepcionada e meio perdida com esta experiência vivida em Brazlândia. Não conseguimos matrícula para vocês no primeiro semestre de 2007, mais por causa do transporte.

Esta estada dos educandos em Brazlândia no espaço 35 acontece da seguinte forma: Depois de alfabetizados, eles buscam a certificação escolar deste novo estágio na vida deles. Eu os oriento a buscarem informações sobre este

²⁰ Espaço 35 – Movimento Popular em Brazlândia, localizado na quadra 35 da referida cidade. Trabalhava, neste ano de 2006, em várias vertentes sociais, recebendo verba federal, entre elas o programa Economia Solidária e Brasil Alfabetizado.

processo nas escolas públicas. Animados, assim o fizeram. Eles foram juntos a Brazlândia, e, nessa busca, conhecem uma pessoa que trabalha no Espaço 35. Esta pessoa diz a eles para se matricularem lá que a certificação é garantida. Assim foi feito. Quando sou informada por eles da decisão tomada, chamo a atenção sobre a questão primordial que buscam, a da certificação. Explico-lhes que só na escola pública isto será possível legitimamente. Mas eles estão eufóricos e decidiram apostar. Respeito a decisão deles. Acompanho o caso de longe. O sofrimento deles é grande. Nas chuvas, quando o carro quebra, é cruel. A estrada de acesso usada por eles para chegar a Brazlândia, é de terra e esburacada (foi asfaltada este ano, 2008). São quase 40 km, entre ida e volta, percorridos por eles para chegar ao destino. Não podem passar pela rodovia, pois o carro era usado demais. Além de o preço ser alto, em todos os aspectos.

O vale-transporte, prometido pelo projeto, não vem. Eles são trabalhadores com um sonho de estudar que sobrevivem com suas famílias, ganham quando muito, um salário mínimo e meio. No começo é só alegria. Quando eles perceberam que as promessas feitas não são cumpridas, a decepção toma conta.

No final do ano, como alfabetizadora deles, sou convidada para estar lá. Ficamos juntos, esperando a tal certificação que nunca chegou. Voltamos para casa decepcionados. Todos. Decido com eles que, juntos, vamos cumprir legalmente todo o protocolo burocrático na rede pública de ensino para que eles continuem seus estudos. Eu marco presença em todas as escolas nos testes de nivelamentos, até a matrícula definitiva deles no CEF 11, onde se encontram até hoje.

Esta questão da ética e de caráter politikeiros que permeia alguns seres humanos, e principalmente a infiltração de supostos “movimentos populares cheios de boa intenção, atraídos por verba pública” não pode estar de fora da reflexão sobre o fato narrado acima. Sujeitos oprimidos, sendo oprimidos por seus pares. Freire (1980, p. 57) discorre sobre isto, dizendo o seguinte:

Mas quase sempre, durante a fase inicial do combate, em lugar de lutar pela liberdade, os oprimidos tendem a converter-se eles mesmos em opressores ou em “subopressores”. A própria estrutura de seu pensamento viu-se condicionada pelas contradições da situação existencial concreta que o manipulou. Seu ideal é serem homens, mas, para eles, serem homens é serem opressores.

Continuamos nossa conversa relembrando o caminho percorrido, fizemos os chamados testes de nivelamento à série que vocês freqüentariam em varias escolas, até que decidi com vocês que seria melhor ir para Taguatinga, no CEF 11 no segundo semestre de 2007.

Pergunto ao João, você chegou a matricular-se no CEF 11?

Ele responde a mim: “cheguei, cheguei”.

Pergunto: Porque você desistiu?

João responde com tristeza: “porque não tinha carro pra ir, não tinha carro pra ir...”.

Eu quero entender o seguinte: vocês começam a estudar no CEF 11. O Vandilson²¹ (um dos nossos alfabetizados), nesta época, já estava satisfeito com o que aprendera, e já estava comprando verdura no Rodeador e vendendo no Santo Antônio do Descoberto-GO. O carro dele não estava disponível para vocês, Amaro me interrompe dizendo: “agora já era o Gilvando”.

Quero saber deles: E quanto era o custo por mês? Comento: porque agora era a rede pública, todos os dias da semana.

Jailton e João concordam com Amaro que responde: “cem reais por mês e tinha mês que era mais”.

Eu os provoco: Por pessoa? Pergunto: Você pagou Jailton, cem reais por mês?

Jailton responde: “paguei, paguei porque teve o outro ano que nós desistimos”.

Amaro explica que o combinado: “era sessenta”. Eu entendo que o dono do carro viu que não cobria as despesas. Amaro conclui: “e viu que não dava”.

Jailton completa: “Ele fez as contas e não dava. Segundo ele, só daria cem reais, e acabamos desistindo no meio do ano. E o João desistiu conosco, desistimos todos juntos. Aí nós resolvemos retornar”.

Falo com Jailton: eu me lembro foi quando você retornou para fazer a carteira de motorista, nós conversamos sobre a dificuldade na interpretação do texto das provas, e que era preciso retornar à escola, foi isto?

²¹ Vandilson, é irmão de Gilvando, freqüenta a alfabetização, desde o inicio, nesse processo tira a Carteira Nacional de Habilitação. Freqüenta por um tempo o Espaço 35. Desiste, compra um carro e começa a comprar verduras no Rodeador, e vender na cidade de Santo Antônio do Descoberto-GO. Retorna a sua terra natal, GUARAMBI-BA. Hoje trabalha na prefeitura da cidade como motorista.

Jailton pensa um pouco tentando lembra-se: “carteira de motorista... foi...”.

Pergunto a eles: Todos retornaram à escola?

Amaro responde: “O João tava na primeira vez, depois ia eu (Amaro) você, (Jailton) o Gilvando, o irmão dele e a esposa dele”.

Eu comento: o João parou, no carro cabia o João!

Confirmo com eles: Aí já era cem reais por pessoa?

Amaro responde: “era...”.

Eu provoço novamente: então, na verdade, isto dava o quê? Uns trezentos reais por mês? Porque a mulher dele pagava cem, o irmão dele pagava cem, ele pagava cem, o Amaro cem, o Jailton cem, o João cem... Ah! Não, o João não ia, perdão... Não cabia no veículo. Então vocês iam... Quantos? Nossa! Era dinheiro pra chuchu... A minha provocação é consciente.

Amaro começa a responder as provocações, meio temeroso fala: “É... Mais eu não posso falar se a mulher e o irmão dele pagava não...”.

Pergunto: Ou vocês pagavam... O que vocês acham? Quem pagava pra quem ali? Vamos!... Fala... Vamos falar quem pagava...? Risos...

As provocações minhas nunca têm a intenção de ser dirigida a alguém especificamente, A única intenção é instigar a fala nos educandos, e a manifestação crítica de cada um em situações adversas. A tática dá certo, como vemos abaixo.

Eu lembro a eles que eles mesmos me disseram que agora não são mais sujeitos silenciados, Pergunto: não é?

Jailton responde claro: “Eu acredito que uns pagava por todos”.

Eu percebo Amaro pensativo, mas ele fala: “não é mole não...” e é que quando dava um problema nós... Ele pedia pra nós ajudar... Porque se não... Isso aí vai do esforço de nós... Cada um de nós. Nós queria ir pra escola. Teve mês que nós chegou a pagar cento e oitenta reais. Não foi Jailton? Ou mais.

Admirada, questiono: Cento e oitenta reais pra ir à escola pública?

Amaro acha o escape e responde: “Mas graças a Deus, ele deu a vitória... e nós tamos aí...”.

Então posso ficar tranqüila sobre a questão do silenciamento, hoje somos todos falantes? João, Amaro, Jailton concordam: “Somos”.

Amaro comenta: “Se não fechar a boca, conversa até demais”.

Jailton completa: “Hoje a gente tem clareza pra falar e entender o que a gente ta falando”.

Pergunto: e você João, fala também? Ele responde Falo, Falo...

Esta questão do silenciamento estar presente nos educandos incomoda-me muito desde o começo da alfabetização. Como é confirmado por eles em seus relatos acima. Observo, durante este trabalho de pesquisa por mais de dois anos de convívio diário com eles, que um fato gerador deste silenciamento nos educandos é o preconceito sofrido por eles com a exclusão de quase tudo e de quase todos. Reis (2000, p. 58) esclarece dizendo:

O Silêncio parece ser a marca. Homens e mulheres silenciados ou em silenciamento, em suas relações de família e trabalho, que buscam a escola. Afinal sabem o que é sentir em si a realidade de excluídos. Excluídos de tudo ou quase tudo. O discurso dos ideólogos do neoliberalismo os situa como mão de obra desqualificada e em descompasso com as exigências da chamada modernidade tecnológica [...].

O silenciamento peculiar a todas (os) excluídos é um fato constatado, por mim, no início da alfabetização. O “eu nada sei, nada posso, nada sou” (REIS, 2000, p. 58) é observado com clareza nos primeiros encontros para a alfabetização. Apesar de o grupo iniciar-se na Igreja, a diferença de classe social, persiste. Isto não permite de imediato a relação entre sujeitos na comunidade.

Só com o passar do tempo o preconceito de classe vivido/sofrido pelos educandos/trabalhadores vai sendo vencido e se estabelecendo a igualdade de direitos e deveres. O “dessilenciamento” acontece. E esta decisão parte dos trabalhadores. A prova disto começa a acontecer quando os educandos, que antes da alfabetização não davam o devido valor a seus trabalhos, e após, começam a fazê-lo. Estas relações sociais entre patrões e empregados vão se direcionando para uma linha de respeito humano-ético entre todos. Hoje, a marca do ambiente é da amizade entre todos. Os filhos deles são nossos, e os nossos filhos são deles. Reis (2000, p. 144) contribui com o texto dizendo:

[...] Transformações estas que o sujeito desenvolve consigo mesmo. Que produz no e com o outro, ou com e nos outros. Que desenvolve, reciprocamente da relação com os outros e dos outros, no conjunto das relações sociais. Relações, estas, aqui entendidas como as determinações constitutivas que o sujeito ou os sujeitos recebem da base econômica e simultaneamente desenvolvem com e sobre estas, na contradição inerente às relações sociais, como tais, relações de classe, de poder, mas, também de acolher e ser acolhido, na dialogia [...].

O significado da palavra dessilenciamento, que uso neste trabalho, é o mesmo de Reis (2000, p. 151) diz ele:

[...] Há um terceiro elemento presente na dialogia, que são as condições de vida de cada um e o posicionamento de cada voz e do dialogo de múltiplas vozes, face ao problema que a seu modo afeta alfabetizandos, alfabetizadores e demais moradores do Paranoá. Indícios de um sujeito que é acolhido e que acolhe, que se abre e exercita o falar-pensar-falar tendo prazer de aprender, desenvolver, vontade de continuar aprendendo, buscar saber mais, como ocorre na história [...].

A estratégia de dessilenciamento dos educandos, neste trabalho, é a de fazê-los falar por meio de provocações, de superação de problemas e desafios que se colocam a sua frente. Com disposição de escutá-los, sem restrições ao jeito que estão falando, sem preconceito, fazendo com que se expressem de forma natural, mediando as discussões e respeitando suas falas. E, nisto, começa a acontecer o disselenciar-se coletivo.

Esta atitude é determinante para o que eu, educadora-pesquisadora, considero ser, nos educandos, um grande progresso, que é o dessilenciamento apresentado por todos, até mesmo o João, que apresenta os traços de personalidade de um sujeito calado, mas não silenciado. Ou no dizer de Reis (2000, p. 199):

Para tanto, torna-se igualmente importante que se desenvolva o sentimento, a capacidade, de todos acolherem todos, de escutarem uns aos outros, com responsividade ativa. Ou seja, um elaborando o que o outro diz, significando, e recolocando, de tal maneira que o processo dialógico-dialético perpasse a todos e tenha como resultante um conhecimento que ao mesmo tempo é individual e coletivo. Isto implica em escuta e ser escutado. Acolher e ser acolhido.

Na ação e reação que eles demonstram diante do exercício de enfrentar situações problemas e desafios no cotidiano, as repercussões mais, evidentes a meu ver, e recorrente nos cinco sujeitos da pesquisa foram:

- 1) A libertação do silêncio pela oportunidade de poder falar e ser ouvido, sem restrições. Poder se expressar de forma livre como qualquer pessoa. Uma fala às vezes contida desde a infância. A liberdade de expressar-se e de ser ouvido com respeito. Falar dos sentimentos vivos/vividos. A emoção e a sensibilidade, podem ser externados. A cabeça levantada, o olho no olho, a escuta, a atenção do que ouve. A emoção do que se fala. Seres humanos se conhecendo/reconhecendo. Não há vergonha de estar entre seres humanos.
- 2) Com a alfabetização, vem o acesso a leitura, escrita e cálculo, e, com isto, o poder de transitar livremente, pegar ônibus, lidar com as novas

tecnologias cotidianas. A liberdade e autonomia de poder andar livremente, indo e vindo sem dependência de terceiros. Com isto, a visão de mundo ou cosmovisão se amplia, alertando-os para uma consciência crítica do mundo real concreto em que vivem. Os Educandos percebem diferenças e com isso tomam atitudes e fazem escolhas próprias, demonstram ter consciência crítica, quando se referem às diferenças encontradas na Escola Pública e as relações sociais lá encontradas, observam com atenção as falas alienantes ou não, e já discutem sobre elas, principalmente em reuniões político/partidárias. Buscam direitos e conhecem os seus deveres como sujeitos participantes da construção do mundo.

- 3) Estes sujeitos que falam hoje com liberdade, exercitam suas autonomias, que conhecem/reconhecem nas situações problemas e desafios um processo de enfrentamento a superação das dificuldades que a vida lhes apresenta, entendem que superar desafios possibilita a eles dar saltos qualitativos em nível de aprendizado e desenvolvimento humano. Isto fica claro em suas falas quando das dificuldades enfrentadas e superadas por eles na continuidade de seus estudos. É o “salto olímpico” de que fala o Jailton e a super-ação faz este salto acontecer.
- 4) Nesse sentido, faço minha as palavras de Reis (2000, p. 83):

Acredito em uma sociedade nova. Em uma ciência que produz conhecimento no contexto de um movimento prático ou de inserção prática, intencionando a superação de problemas enfrentados pela população. Acredito na possibilidade de constituição de homens novos ou que se constituem novos a cada dia. A estes homens novos ou essa novidade nos homens, estou denominando de constituição de um sujeito político, epistemológico e amoroso.

Diante deste registro documentado nesse trabalho, como educadora/pesquisadora do processo posso afirmar que houve repercussões na vida dos 5 alfabetizados da Escola do Coração, com evidências visíveis, reais e concretas já demonstradas.

Atualmente (2009), o Vandilson, logo após a alfabetização, começou a comprar verduras no Rodeador e vender na Cidade de Santo Antônio do

Descoberto-GO, fazendo-se independente. Deixou de ser caseiro em Brasília. E fez o caminho de volta para a sua cidade natal. Trabalha hoje como motorista, na Prefeitura da cidade.

Gilvando já é motorista habilitado desde meados da alfabetização. Agora já é motociclista habilitado, já possui sua moto. Compra e vende seus carros sem intervenção de terceiros. Seu patrão, que o contratou como caseiro, tem um comércio de colchões na Avenida Comercial de Taguatinga-DF. Ao perceber o desenvolvimento do Gilvando, combinou com este um salário para trabalhar com a entrega e venda de colchões. Ele também faz serviço bancário da empresa. E diz que não pára mais de estudar. É um sujeito consciente, crítico e participante. Incentivou a esposa e seus irmãos a voltarem à escola. Todos estudam em sua casa.

Jailton teve alguma dificuldade para tirar a sua carteira de habilitação, mas já conseguiu habilitar-se pelo DETRAN-DF, como sempre foi da sua vontade. Apesar de ter sido aconselhado a ir tirar a habilitação no Estado de Goiás. Ele não aceita o conselho. Deseja ser habilitado pelo DF. Conversamos muito sobre isto, quando por motivo de não haver transporte escolar público, eles estiveram afastados da escola. Ele reuniu-se com os outros e tomaram a decisão de voltar a escola, custe o que custar! Já sonha em ser formado, como ele diz: “em alguma coisa”.

Amaro decide trabalhar oficialmente em sua Igreja. Fala com desenvoltura, lê a Bíblia e ensina o Evangelho com amor. Trabalha como caseiro na mesma casa a alguns anos, e segue dando continuidade aos seus estudos.

João, criativamente fabrica instrumentos musicais de madeira nativa da região, guitarras, pandeiros e violões. Em 2009, com o transporte escolar, ficou mais fácil para ele dar continuidade a seus estudos. Fomos fazer o seu teste de nivelamento no CEF 11 e ele se encontra matriculado na 3ª série do Ensino Fundamental. Com a alfabetização e a escolarização, é possível notar que, de fato, houve repercussões da alfabetização na vida dos educandos. Isto fica evidente na postura e tomada de decisão que estes sujeitos têm hoje. Em 2009, os Educandos levaram mais 2 sujeitos da região para teste de nivelamento no CEF 11. Estes também se matricularam na 3ª e 4ª séries, respectivamente. Assim, vamos tocando para frente a Escola do Coração. Deixo registrado que, em 2009, a Secretaria de Educação do DF extinguiu 50% das turmas da Educação de Jovens e Adultos no

noturno, do CEF 11, segundo eles por “NÃO TER DEMANDA”, mas lá existem alguns professores e dirigentes comprometidos com essa causa.

Chego ao resultado dessa pesquisa com a consciência de dever cumprido quanto à proposta de inserção de Jailton, Amaro, João e Gilvando no mundo que detém esse determinado conhecimento acadêmico com o que eles tanto sonham. Sinto-os libertos e prontos para seguir adiante, conscientes do seu papel social.

Escolho, para finalizar, uma fala de cada um dos Educandos, retiradas do texto que bem representa o resultado deste trabalho:

O Jailton descobre-se alfabetizado.

Jailton continua falando: “aí eu peguei juntei aquilo e li formou (a frase) e deu certinho, certinho a palavra, ai que eu vi que eu sabia ler”.

O João descobrindo-se na fala.

Pergunto novamente: E hoje, você acha que tem diferença, depois da alfabetização e da convivência com seus amigos?

João fala: “Tem. É mesmo... É bem assim... Eu não sabia falar direito... Aí falava pouco”.

O Gilvando percebendo as diferenças.

Gilvando entra na conversa e fala: “Não tomando as palavras do Jailton, a professora anterior era muito assim... sabe, acolhedora, muito tranqüila mesmo. Eles acostumou com aquela professora ali, e acharam que todos os professores, pela frente, ia ser igual a de antes. E foi totalmente diferente. Aí pegou uma professora linha dura, outro estilo, não agüentou... muitos amarelaram”.

O Amaro descobrindo-se um sujeito com consciência.

Amaro: “então, a partir do momento que eu fui colocar na consciência, eu vi que ali eu tinha um futuro.”

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa tem como ponto de partida a minha inclusão como aluna especial, no curso de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, na disciplina Tópicos da Educação de Jovens e Adultos.

Retorno à escola para concluir meus estudos aos 47 anos de idade. Sou, portanto, educanda/educadora, oriunda da Educação de Jovens e Adultos – EJA. É a partir da realidade precária que encontro na escola pública nesta modalidade de ensino, que decido ser educadora/pesquisadora no assunto.

É a partir de, discussões relevantes com os grupos de pesquisa de discussão/ação sobre o assunto inseridos dentro da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que passo a fazer parte desta construção coletiva. A meu ver, esses grupos têm a esperança de se ter no DF uma Educação de Jovens e Adultos que atenda a atual realidade de conhecimento que é exigido da(o) educanda(o) de hoje.

Atendendo os vários aspectos da sua vida, quer sejam no trabalho e suas novas tecnologias, na aprovação de concursos públicos, nas várias relações sociais e culturais, na vida familiar, comunitária, e tantos outros.

Penso que os grupos que participo vivenciam uma educação diferente que traz a possibilidade de inclusão nas escolas, nas universidades, no trabalho e na sociedade de um grupo de pessoas ainda hoje excluídas. Esse grupo de pessoas conta com milhares de brasileiras(os) jovens e adultos que não tiveram oportunidades de estar na escola ou permanecer nela durante a sua infância.

Na condição em que me encontro de educadora/pesquisadora da educação de jovens e adultos, percebo, na parcela das(os) educandas(os) que comigo caminham, o constrangimento por serem chamados de analfabetos.

Vejo, neste esforço concentrado dos vários dirigentes de organizações e movimentos populares com quem convivo, suas experiências, ações, intervenções e enfrentamentos das situações de dificuldades que se apresentam na educação do Distrito Federal. O objetivo único de todos é o de superar o analfabetismo das camadas populares, onde a atuação do Estado (Sociedade Política) chega de forma rara e deficiente.

As leituras dos textos dos vários educadores/pesquisadores do assunto ajudam a justificar a minha idéia. Assim diz Oliveira, (2004): “[...] acreditamos que somente os movimentos sociais que expressam as necessidades da maioria oprimida poderão tomar nas mãos os rumos da educação e as transformações econômicas e políticas do país”.

A partir do conhecimento adquirido nas discussões e ações educativas freqüentadas por mim, sobre a realidade que se apresenta na práxis, (relação dialética teoria-prática) posso destacar alguns pontos da realidade concreta ocorrente hoje no DF, tais como: a indisponibilidade de oferta da modalidade da Educação de Jovens e Adultos nas poucas escolas abertas no período noturno no DF; a mercantilização da Educação de Jovens e Adultos no DF de forma crescente; o fechamento de turmas para, conseqüentemente, se dar o fechamento das escolas públicas que funcionam no turno noturno com esta modalidade de ensino; a falta de escolas técnicas da rede pública de ensino, nas zonas rurais bem como nas urbanas.

Baseada nesse processo real de vida, penso em sujeitos da comunidade rural, onde moro.

O meu olhar sobre esta comunidade vê, em seu contexto, uma realidade de pobreza, no sentido de emprego, transporte, escola, alfabetização, afeto. A exclusão no seu sentido mais perverso. Apenas observar e diagnosticar esta realidade não são suficientes, não me satisfaz.

Vou à ação. Primeiramente, busco uma mobilização pessoal que se estende em direção à comunidade do Rodeador, zona rural de Brazlândia, DF. Começo a realizar algumas reuniões, onde foram identificados problemas do cotidiano das pessoas moradoras desse lugar. Assim, é possível fazer algo para ajudar a melhorar essa realidade existente na vida das pessoas que vivem/convivem à minha volta.

Com a participação nessa realidade, começo a contribuir para ajudar na superação dos vários problemas que surgem dentro da comunidade. Crio um vínculo afetivo com eles. Uma realidade nova começa a se delinear.

A diferença de classe estava evidente até na Igreja, pois as pessoas da comunidade que trabalhavam na terra sentam-se quase sempre do lado esquerdo, e os “patrões” do lado direito.

Um determinado dia olho pra Igreja cheia e enxergo isso. Começo, de mansinho, a me sentar do lado esquerdo e a convidar amigos para fazerem o mesmo.

Assim sendo, dentro das demandas discutidas coletivamente, a alfabetização de adultos aparece como prioridade, motivando-me a desenvolver um trabalho nessa direção.

Na condição de educadora, compartilho da idéia de Freire (1980) de que qualquer realidade pode ser transformada, inclusive a realidade que vivo junto à comunidade onde moro.

Freire (1980, p. 40) diz sim à transformação de realidades quando afirma: “[...] a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo”.

Nesse trabalho trago a minha história. Apresento também, a história dos Educandos que se mistura a minha. Nesse momento somos seres humanos iguais, amalgamados. Brasileiras, Brasileiros, Povo, Raça, Nação. Somos parte. Somos todo. Somos a história do Brasil.

Nesse contexto de unidade, as ações e reflexões com os educandos e amigos dos vários grupos de discussões vêm alicerçar a minha constituição como sujeito e a constituição mutua, delas e deles.

Confesso ser um grande desafio o escrever/descrever, narrar e interpretar para registrar e documentar criticamente e cientificamente o ocorrido com o meu “objeto de estudo”. Mas, Borges e Brandão (2005, p. 146) falam que isto não é de fato fácil. Ancoro-me neles quando dizem:

Isto não é fácil, já que não temos costume de teorizar, não temos desenvolvido suficientemente nossa capacidade analítica e muitas vezes nossa formação nos leva a ser simplesmente consumidores passivos dos conhecimentos que outras pessoas nos queriam transmitir. É por isso que muitas vezes se confunde sistematização com narração, descrição, relato do acontecido. No melhor dos casos, se pensa que se trata de reconstruir historicamente a experiência vivida.

Talvez este seja um desafio até maior do que todo o processo da experiência diária, vista/vivida na alfabetização com os Educandos.

Meu trabalho, “Construindo a Alfabetização de Educandos no Movimento Popular do Rodeador: A Escola do Coração”, tem a pretensão de manter-me inserida nessa luta constante para a construção de uma educação literária/política não partidária, que possa trazer aos educandos e a mim momentos de

ação/reflexão/ação. Luto para que a alfabetização/escolarização de jovem e adulto alcance mais e mais pessoas em estado de exclusão e que essas se alfabetizem e dêem continuidade aos seus estudos. E adentrando as universidades, compartilhe esse determinado conhecimento adquirido com tantos outros que ainda necessitam, e, atuem, ao encontrar-se em seu lócus de vida. E atuantes, onde estiverem mantenham firme a consciência de que qualquer realidade de exclusão e opressão de seres humanos pode ser transformada mesmo que seja iniciando-se em “lócus-micro”, como é o caso do Rodeador-DF.

Vivo a realidade dura e concreta do analfabetismo a minha volta, denomino chamar de “situação-problema-desafio” (REIS, 2000, p. 47). Esta ação educativa, nascida da sensibilidade, fica conhecida na comunidade como Escola do Coração. Marx afirma que: “A sensibilidade deve o embasamento de toda a ciência. Só é ciência legítima quando decorre da sensibilidade, na dupla forma de percepção sensível e de necessidade sensível [...]” (MARX, 2002 apud MARTINS, 2008, p. 140.)

Por ser uma comunidade pequena, o exemplo produzido pela alfabetização em sujeitos não alfabetizados, e hoje totalmente escolarizados, faz com que quase todos na comunidade que abandonaram a escola retornem a ela.

Diante desta reação da comunidade, eu lidero o movimento de um transporte público escolar na região. Sou atendida pela Regional de Ensino de Taguatinga. Os educandos e seus amigos da comunidade vão à escola em transporte público.

Este trabalho deixa a sua marca em mim, no sentido de emocionar-me pelo fato de estar inserida no mundo e de ativamente continuar a reconstruí-lo. Posso dizer que é possível ter realidades transformadas em micro atuações. Restrepo afirma que: “O que nos caracteriza e diferencia da inteligência artificial é a capacidade de emocionar-nos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos impactam” (RESTREPO, 1998, p. 18).

Se queremos uma nação diferente, nós mesmos teremos de construí-la. A educação diferente é relevante e faz parte do processo. Mas, o que será esta educação diferente? Reis (2000, p. 3) responde com propriedade:

Uma formação de alfabetizadores em processo e uma alfabetização de jovens e adultos, ancorados em uma intencionalidade política-epistemológica-pedagógica acordada entre uma organização popular e uma universidade, ou seja, uma ação político-pedagógica hegemonicamente situada na sociedade civil (mesmo com alguma participação da sociedade política) pode ser diferenciada ou diferenciadora em relação a processos de

alfabetização de jovens e adultos (de iniciativa da sociedade política ou não)? Processos em que os objetivos da educação estão centrados no acesso à leitura e escrita (norma padrão ou norma culta) e ao cálculo?. Importante e indispensável, porém insuficiente.

E mesmo este acesso, nem sempre alcançado ou consolidado ou que se mostra insuficiente às necessidades dos alfabetizandos, à especificidade da sociedade brasileira e mesmo da sua própria ordem capitalista, para não falar de tantas outras coisas, conforme mostram tantos estudos realizados a respeito.

Chego à conclusão, nestes meus quase sessenta anos vividos, que o Estado Brasileiro (sociedade política), na pessoa do qual o representam, não se importa com aqueles que de fato “amassam o barro” ²², na tarefa difícil de construir uma nação usando como um dos meios a educação.

É importante refletir que nesse trabalho, quando falo de sujeitos em estado de exclusão, analfabetismo e pobreza, refiro-me não somente a comunidade do RODEADOR-DF, mas, a todas e todos excluídos do nosso país, tratando-se, portanto, de um assunto ligado diretamente a soberania nacional.

A esses sujeitos foi negado o direito de se desenvolver e aprender. Produzir conhecimento, ciência e tecnologia. Impossibilitados pelas amarras do analfabetismo, encontram-se na condição de não cooperarem com o desenvolvimento da nação, dependentes dela para o sustento próprio e de suas famílias. Recebendo dela cestas, cheques e campanhas educacionais.

Com esta atitude, o Estado (sociedade política), longe de ajudá-los, traz embutido, na sutileza do discurso de reparação de injustiça social, a manutenção desta mesma injustiça social, mantendo-os subjugados, analfabetos, sem o conhecimento dos seus direitos e deveres como cidadãos. Distante do desenvolvimento humano de que são capazes e das inúmeras possibilidades que estes sujeitos representam.

A minha história de vida e a história de vida dos educandos do Rodeador e nossa Escola do Coração, não é inédita, mas é parecida com as histórias e lutas de tantas brasileiras e brasileiros que buscam superar, a cada dia, as dificuldades que a vida lhes coloca. Dessa forma, produzem histórica e culturalmente suas vidas. E com elas, o conjunto do universo.

²² Amassam o barro – Trabalham sem cessar, sem distinção, com a intenção de se ter no Brasil uma educação que real e concretamente responda as necessidades de todo o povo brasileiro.

Concluo este trabalho de pesquisa dizendo que o mesmo vai além de todas as minhas expectativas. Sinto-me extremamente melhor como ser humano. Encanta-me a fala dos simples pela pureza e sabedoria que ela traduz. Sou tocada, pesquisada e transformada na medida em que situações problemas e desafios se encontram a minha vista. Acredito na mudança do homem ou no surgimento de homens novos, movidos pela práxis, onde, certamente, a revolução armada de amor, generosidade e acolhimento ao outro pode construir novos caminhos, sem dividas e constrangimentos sociais. E parafraseando Jesus: Que no Brasil não haja mais servos e, sim, irmãos!

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de aprendizagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: UNIVILLE, 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

BÍBLIA. Português. 1973. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1973.

BORGES, L.; BRANDÃO, S. V. (Org.). **Diálogos com Paulo Freire**. Tramandaí, RS: Ed. Isis, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais de n. 1, de 1992, a 40, de 2003, e pelas Emendas Constitucionais de Revisão de n. 1 a 6, de 1994. 21. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003. 71 p. (Serie textos básicos; n. 32).

CÓRDOVA, R. A. **Instituição, educação e autonomia**: na obra de Cornelius Castoriadis. Brasília: Plano Editora, 2004.

DANIELS, H. **Vygotsky e a pedagogia**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Educação. **Portal oficial do Governo do Distrito Federal**. Disponível em: <www.se.df.gov.br/institucional/historico.asp>. Acesso em: 2 abr. 2008.

FONTANA, R. C. **Como nós tornamos professoras?**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GANDHI, M. K. **As palavras de Gandhi.** 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

GONZALES, Rey F. **Pesquisa qualidade em psicologia: caminhos e desafios.** São Paulo: Thonson-Pioneira, 2000.

GRUPO DE ENSINO- PESQUISA- EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E ESTUDOS FILOSÓFICOS E HISTÓRICO-CULTURAIS. **Documento Base do Grupo Lattes de Ensino-Pesquisa –Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e histórico-culturais- GENPEX.** Brasília, 2007. Mimeografado.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão: veredas.** 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KONDER, L. **O que é dialética.** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 23).

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LENINE, V. I. **Obras escolhidas.** São Paulo: Ed. Alfa - Omega, 1979. T. 1

LURIA, A. R. **A construção da mente.** Traduzido por Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992.

MARTINS, M. F. **Marx Gramsci e o conhecimento: ruptura ou continuidade?** Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 2008.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Portugal: Edições 70, 1964.

_____. **O capital.** Lisboa: Edições Delfo, 1974. v. 2.

_____; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** Tradução Luis Claudio de Castro e Costa. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Clássicos).

_____; _____. **Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Vitória, 1963. v. 3.

_____. **Textos 1**. São Paulo: Alfa - Omega, 1977.

MELO, F. **Quem me roubou de mim**. São Paulo: Canção Nova, 2008.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NOGUERA, A. **Paulo Freire: que fazer teoria e prática em educação popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

OLIVEIRA, E. M. A crise do ensino é reflexo da crise social. **Revista PUCViva**, São Paulo, n. 21, jul./set. 2004. Disponível em: <http://www.apropucsp.org.br/revista/r21_r02.htm>. Acesso em: 2 abr. 2008.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006.

PINHEIRO, Jorge. Socialismo e religião no processo de Fundação do Partido dos Trabalhadores - uma leitura a partir de Paul Tillich. **Correlatio**, n. 4, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio04/socialismo-e-religiao-no-processo-de-fundacao-do-partido-dos-trabalhadores-uma-leitura-a-partir-de-paul-tillich#id2>>. Acesso em: 10 abr. 2008.

SIRGADO PINO, A. Manuscritos de 1929. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000.

_____. O social e o cultural na obra de Vygotsky. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 71, p. 45-78, 2000.

PORTAL DOS FÓRUMS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - FÓRUMS DE EJA. CEDEP. Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br/>>. Acesso em: 02 fev 2009.

REIS, R. H. **A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos**. 2000. 267 f. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2000.

RESTREPO, C. L. **O direito a ternura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SEVERINO, A. J. **Educação, ideologia e contra – ideologia**. São Paulo: Ed. EPU, 1986.

TEXEIRA, A. **Educação é um direito**. Rio de Janeiro: Ed. URFJ, 1971.

THIOLLENT, Michel. **Metodologias da pesquisa-ação**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

Área de Proteção Ambiental de Cafuringa. Disponível em <<http://br.viarural.com/servicos/turismo/areas-de-protecao-ambiental/apa-de-cafuringa/default.htm>>. Acesso em: 15 jan 2009.

VILAS BOAS, B. M. de F. **Avaliação: políticas e práticas**. São Paulo: Papyrus, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Teoria e método em psicologia**. Tradução Claudia Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Jailton Montalvão Lopes, RG 2.822.471 SSP/DF, abaixo qualificado, DECLARO, para fins de contribuição em pesquisa, na condição de sujeito participativo, que fui devidamente esclarecido a respeito do Projeto de Pesquisa versando sobre o título: “Construindo a Alfabetização de Educandos no Movimento Popular do Rodeador, DF: A Escola do Coração, desenvolvido e coordenado pela Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, quanto aos seguintes aspectos:

- a) historicidade, objetivos e procedimentos que foram utilizados na pesquisa;
- b) garantia de esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia e os instrumentos utilizados;
- c) liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;
- d) garantia de sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, assegurando-lhe absoluta privacidade;

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente (em participar) desta pesquisa.

Brasília, 25 de Março de 2009

ANEXO B - Qualificação do Declarante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sujeito Objeto da Pesquisa: Jailton Montalvão Lopes

RG: 2.822.471 SSP-DF. Data de nascimento: 30 / 01 /1974. Sexo: M (x) F ()

Endereço Núcleo Rural Alex Gusmão, Ch. 126 B. Nº Lote 10

Bairro: Rodeador. Cidade: Zona Rural de Brazlândia-DF. CEP N/T

Tel :(61) 96886964

Assinatura do Declarante

ANEXO C - Declaração da Pesquisadora

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprido todas as exigências contidas nas alíneas acima elencadas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para realização desta pesquisa.

Brasília, 25 de Março de 2009

Assinatura da pesquisadora

ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Gilvando de Oliveira, RG: 2687562-SSP-DF, abaixo qualificado, DECLARO para fins de contribuição em pesquisa, na condição de sujeito participativo, que fui devidamente esclarecido a respeito do Projeto de Pesquisa versando sobre o título: “Construindo a Alfabetização de Educandos no Movimento Popular do Rodeador, DF: A Escola do Coração”, desenvolvido e coordenado pela Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, quanto aos seguintes aspectos:

- e) historicidade, objetivos e procedimentos que foram utilizados na pesquisa;
- f) garantia de esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia e os instrumentos utilizados;
- g) liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;
- h) garantia de sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, assegurando-lhe absoluta privacidade;

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente (em participar) desta pesquisa.

Brasília, 25 de Março de 2009

ANEXO E – Qualificação do Declarante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sujeito Objeto da Pesquisa (Nome): Gilvando de Oliveira

RG: 2687562-SSP-DF Data de nascimento: 16 / 11 / 1977. Sexo: M (X) F

Endereço: Núcleo Rural Alex. Gusmão, Ch. 126 B. NºLote

Bairro: Rodeador Cidade: Zona Rural de Brazlândia-DF CEP: N/T

Tel: (61) 98316871

Assinatura do Declarante

ANEXO F – Declaração da Pesquisadora

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprido todas as exigências contidas nas alíneas acima elencadas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para realização desta pesquisa.

Brasília, 25 de Março de 2009

Assinatura da pesquisadora

ANEXO G - Salmo 45 (44)

Meu coração transborda num belo poema,

Eu dedico a minha obra a um rei,

Minha língua é a pena de um escriba habilidoso.

És o mais belo dos filhos dos homens, a graça escorre dos teus lábios,

Porque Deus te abençoa para sempre.

Cinge a tua espada sobre a coxa, ó valente,

Com majestade e esplendor; vai, cavalga

Pela causa da verdade, da pobreza e da justiça.

Bíblia de Jerusalém. Salmo 45 (44) versos: 02 a 04.

Obrigada Senhor! Rei meu e Deus meu!

ANEXO H – Fotos



Nirce, Jailton (de boné) e Amaro em momento de entrevista na Escola do Coração.



Entrevistadora, Nirce, junto a Jailton e Amaro



Da esquerda para a direita: João, Jailton, Gilvando e Amaro.

APA DO CAFURINGA

Da mesma forma, devido ao fato de conter a maior parte das ocorrências de calcário do Distrito Federal, contém inúmeras cavernas, sendo a mais expressiva a Gruta do Rio do Sal.



Gruta do Rio do Sal

Sua importância está não somente na preservação desses recursos paisagísticos e espeleológicos, como também na preservação da fauna e da flora. Do ponto de vista da flora, a APA preserva um dos mais extensos campos naturais do Distrito Federal e as maiores reservas de Mata Mesofítica que se estendem em direção à Bacia Amazônica.



Poço Azul

(<http://br.viarural.com/servicos/turismo/areas-de-protecao-ambiental/apa-de-cafuringa/default.htm>)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)